



I SEMINÁRIO

“GÊNERO, HISTÓRIA E ENSINO”

da contemporaneidade à antiguidade

Caderno de Resumos

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - FFCH-UFBA
Telefone/FAX: (71) 3331-2755
Secretaria: (71) 3283-6431
E-mail: ffch@ufba.br
Site: <https://ffch.ufba.br/>

Localização: Estrada de São Lázaro, 197, Federação, CEP: 40.210730, Salvador-BA

**Cadernos de Resumos elaborado por Andréa da Rocha Rodrigues Pereira Barbosa
(Grupo Nina Simone), Marcelo Pereira Lima (LETHAM-UFBA), Marina Regis
Cavicchioli (CMAC) e Sarah Fernandes Lino de Azevedo (Grupo Messalinas)**

Arte da Capa: Pedro Henrique Alves Pamponet

Website: <https://www.generohistoriaensino.ufba.br/>

I Seminário Gênero, História e Ensino: da Contemporaneidade a Antiguidade (10.: 2025:
Salvador, BA)

S741 I Seminário Gênero, História e Ensino: da Contemporaneidade a Antiguidade: cadernos de resumos / organizadores: Andréa da Rocha Rodrigues Pereira Barbosa (UEFS), Marcelo Pereira Lima (UFBA), Marina Regis Cavicchioli (UFBA) e Sarah Fernandes Lino de Azevedo (UFBA) - Salvador: UFBA, 2025. 38p.

1. História - Brasil. 2. Antiguidade. 3. Medieval. I. Rocha, Andrea. II. Lima, Marcelo Pereira, III. Cavicchioli, Marina Regis. IV. Azevedo, Sarah. V. Título.

CDD: 981

PROGRAMAÇÃO GERAL

2

Horário	06.10	07.10	08.10
9h-11h	Comunicações livres (Meet)	Comunicações livres (Meet)	Comunicações livres (Meet)
Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
14h-16h	Comunicações livres (Meet)	Comunicações livres (Meet)	Mesa Redonda 3 (Streamyard)
16h30-18h30	Mesa Redonda 1 (Streamyard)	Mesa Redonda 2 (Streamyard)	Comunicações livres (Meet)
19h-21h	Conferência 1 (Streamyard)	Conferência 2 (Streamyard)	Conferência 3 (Streamyard)

CONFERÊNCIAS E MESAS REDONDAS:

CONFERÊNCIA 1 (06.10, 19h-21h):

Mediação: Marina Regis Cavicchioli

Corpo e gênero no Ensino Médio: uma proposta didática em História Antiga
Lourdes Feitosa

CONFERÊNCIA 2 (07.10, 19h-21h):

Mediação: Marcelo Pereira Lima

“No hay barrera, cerradura ni cerrojo que puedas imponer a la libertad de mi mente”
(V. Woolf): re-visitando experiencias lectoras y prácticas didáctico-pedagógicas en la formación de profesores de Letras del siglo XXI a la luz de la Historia de las Mujeres y de género

Gladys Lizabe

CONFERÊNCIA 3 (08.10, 19h-21h):

Mediação: Sarah Fernandes Lino de Azevedo

Mulheres consagradas em tempo de guerras: controle dos corpos, violência e agência social de religiosas católicas em contextos africanos, séculos XIX, XX e XXI
Patrícia Teixeira Santos

MESA 1: INFÂNCIA, EDUCAÇÃO E GÊNERO (06.10, 16h30-18h30)**Mediação:** Marcelo Pereira Lima**A infância esquecida ou soberana? Uma análise interseccional***Andréa da Rocha Rodrigues Pereira Barbosa***Do Abandono à Realeza: Imagens e Representações da Infância em *Ion* de Eurípides***Brian Kibuuka***A criança como ponto de partida: educação, progresso e disciplina***José Augusto Ramos da Luz;***MESA 2: GÊNERO, SABERES E TEMPORALIDADES (07.10, 16h30-18h30)****Mediação:** Andréa da Rocha Rodrigues Pereira Barbosa**Maria, Melusina e Dama Pé-de-Cabra: o corpo feminino terra-natureza no medievo latino***Aline Dias da Silveira***As mulheres da Roma Antiga no Ensino de História***Sarah Fernandes Lino de Azevedo***Honra e violência de gênero: um diálogo historiográfico sobre os crimes de defloramento na Bahia***Larissa Cheyenne Nepomuceno de Jesus**Rui Marcos Moura Lima***MESA 3: GÊNERO E SEXUALIDADES NORMATIVAS E DISSIDENTES (08.10, 14h-16h)****Mediação:** Marina Regis Cavicchioli**História medieval e saberes sobre a diferença sexual no Jogo Didático****Hagiografando***Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva***Safo de Lesbos, (homo)erotismo e ensino de História antiga no Brasil: um tema (im)pertinente?***Letticia Leite***Comportamento e normas sexuais no contexto da modernidade republicana***Maria Aparecida Prazeres Sanches*

Mesas de Comunicações Livres:



MESA 1: DAS (NEO)MEDIEVALIDADES AO MEDIEVO: OS USOS DO PASSADO (07/10, 9H ÀS 11H)

Mediação: Alan Rebouças Pereira

Medievalismos, performatividade, arte e cultura pop: uma proposta de análise em sala de aula do vídeo Dark Ballet de Madonna (2019)

Rosiane Graça Rigas Martins

Rodrigo de Carvalho Conceição

Gênero e medievo nos games – Representações contemporâneas

Ian Nunes de Oliveira Santos

Motivos para arranjar briga com uma deusa: análise das várias razões pelas quais Morrígan quer destruir o Cú Chulainn no Táin Bó Cuailnge

Beatriz Galrão Abrantes

Masculinidades neocarolíngias: a construção do outro e a virilidade moralcristã como retórica de superioridade

Alan Rebouças Pereira

A Representação das Mulheres no Decamerão (1348-1353) de Giovani Boccaccio (1313-1375): Um Estudo sobre Gênero, Traição e Suicídio na Idade Média

José Carlos da Silva Ferreira

MESA 2: GÊNERO, PODER E RESISTÊNCIAS NO MUNDO MEDIEVAL (08/10, 16h30-18h30)

Mediação: Lucas Vieira de Melo Santos

Gênero, poder e autonomia nas cartas de Hildegard de Bingen, século XII

Lorena Fernanda Silva Vianna

O(s) feminino(s) no discurso demonológico do frade Martín de Castañega (1529)

Lucas Vieira de Melo Santos

Reflexões sobre o ensino de História Medieval na atualidade: entre a formação de professores e a efetivação no chão da sala

Luciano Vianna

Corpos em disputa: gênero, poder e autoridade na obra *De la démonomanie des sorciers*

Laryssa Victoria dos Santos Valente

MESA 3: A IMPRENSA ENQUANTO FONTE HISTÓRICA, OS ESTUDOS DE GÊNERO E A HISTÓRIA DAS MULHERES (06/10, 14H ÀS 16H)

Mediação: Deyse Vieira Quinto

“Conselhos Úteis”: o jornal *O Popular* como ferramenta pedagógica de controle patriarcal em Floriano (PI) no início do século XX

Amanda Lopes Moraes e Laura Brandão

“O Silêncio que Grita”: A Narrativa Jornalística sobre a Violência Sexual Infantojuvenil no Brasil (1972-1989)

Beatriz Santos Sodré

A atuação feminina na sociedade oitocentista: mulheres, homens e a imprensa como espaço de práticas discursivas feministas

Michael Antônio Silva dos Santos

Andréa da Rocha Rodrigues Pereira Barbosa

O Jornal *A Ordem* e o olhar sobre as crianças em Cachoeira: Canelas sujas, moleques e vadios: A infância desassistida em Cachoeira-Ba (1880-1940)

Eliane Caetano Soares dos Santos

MESA 4: HISTÓRIA DAS MULHERES, ESCRAVIDÃO E ESTUDOS DE GÊNERO (06/10, 9H ÀS 11H)

Mediação: Beatriz dos Santos Sodré

Evas e Liliths Futuras: O Trânsito Misógino de Mulheres Androides entre o Século XIX e o Século XXI

Savio Queiroz Lima

Gênero, raça e escravidão: considerações sobre a interseccionalidade na historiografia brasileira.

Sandi Isis Santana dos Santos

Negócios de africanas: trabalho, crédito e patrimônio das pretas forras em Salvador
Alanna Perônio

Gênero, corporeidade e as ausências direcionadas: uma análise historiográfica preliminar sobre as relações euro-africanas no reino do Ndongo

Gael Vicente Aurélio Oliveira dos Santos

MESA 5: AS EXPERIÊNCIAS FEMININAS NO TRABALHO, NA LUTA POLÍTICA, NA LITERATURA E NO MOVIMENTO FEMINISTA (08/10, 16H30 ÀS 18H30)

Mediação: Mileia Santos Almeida

“Porque Deus quer e o povo da Feira é bom”: Mulheres Religiosas e o trabalho social no Dispensário Santana, Feira de Santana (1978-2002)

Karine Carvalho da Cruz

A intelectualidade das trabalhadoras domésticas
Deyse Vieira Quinto

A política na Primeira República a partir das primeiras-damas: as trajetórias de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé (1910-1924)
Bethânia Luisa Lessa Werner

As várias partes de um “Fruto proibido”: Mulheres, violência e transgressões pela lente de Clarice Lispector em *A Via Crucis do Corpo*
Pedro Henrique Alves Pamponet

Feminismo em Fortaleza e a grande imprensa em 1975 – 1985
Kíria Samanta da Silva

MESA 6: GÊNERO, TRAJETÓRIAS FEMININAS E REPRESENTAÇÃO DOS CORPOS FEMININOS (07/10, 14H ÀS 16H)

Mediação: Karoline Batzakas

“Soube por ser voz geral”: A vontade de saber e as redes de conhecimentos nos processos de infanticídio nos sertões baianos (1890-1950)
Miléia Santos Almeida

Trajetórias de Heroínas no Livro de Aço: Memória, Gênero e Identidade Nacional no Panteão da Pátria
Lillian S.M. Rodrigues

Usos da imagem, usos do gênero: uma análise da trajetória artística de Georgina de Albuquerque através da perspectiva de gênero
Giovanna Trevelin

A Safo de Nossa Tempo: Gênero, Literatura e Educação em Virgínia Woolf
Maria Angélica Brasil Marques

As mulheres das umburanas nos livros cartoriais e eclesiástico
Caline Oliveira Santos

MESA 7: VIOLÊNCIAS DE GÊNERO, COMPORTAMENTO TRANSGRESSIVOS E LUTA EMANCIPATÓRIA (8/10, 9H ÀS 11H)

Mediação: Caline Oliveira Santos

“Muitas vezes infelizmente temos medo de ser quem somos”: Proposições altercentíficas para uma educação em diversidade sexual e de gênero crítica, subversiva e libertadora
Kelvyn Henrique Pereira

Género, enseñanza y emancipación
Maria Cecilia Colombani

Maternidade e Ditadura militar: uma análise da violência de gênero direcionada ao corpo materno

*Camila Sena Costa
Maria Eduarda Short
Rafaela Barbosa Carneiro*



Organização de grupos sociais para além do sistema sexo-gênero: las muxes em Oaxaca (México).

Regina Albuquerque

Unio Mystica e Santidade: elementos da religiosidade feminina em investigação inquisitorial no Império Português (XVII-XVIII)

Maria Fernanda Dias Cavalcanti

MESA 08: RELIGIOSIDADES E GÊNERO NO MUNDO ANTIGO (06/10, 9H ÀS 11H)

Mediação: Marco Vitor Smith

O deus sol e sua rainha: A participação de Nefertiti na reforma religiosa amarniana (1353-1335 a.C)

Bruna Rafaela de Lima

O Mito de Baal e Anat como reflexo de um modelo de família feminina independente na sociedade ugarítica

Angela Natel

Considerações iniciais sobre a formação das comunidades cristãs primitivas do século I d.C

Daniela Barbosa da Silva Cunha

As representações da Imperatriz Élia Eudóxia nas Histórias Eclesiásticas do século V: reflexões sobre o poder imperial feminino na Antiguidade Tardia

Amanda Lima

Santo Agostinho e os pelagianos: a sistematização da doutrina do pecado original no Ocidente

Marcelo Augusto Cunha de França

MESA 9: ICONOGRAFIA, CULTURA MATERIAL E GÊNERO NA ANTIGUIDADE E SUAS APROPRIAÇÕES CONTEMPORÂNEAS (06/10, 14H ÀS 16H)

Mediação: Yuri Augusto de Oliveira

Agentes de Memória: A Agência Social das Columelas no Contexto Funerário de Pompeia

Yuri Augusto de Oliveira

Madrastra má ou matrona ideal?: a atuação pública de Lívia Drusila (59/58 a.C. – 29 d.C.)
a partir de uma análise comparada entre os Anais de Tácito e a documentação numismática

Giovana Ribeiro Pinto

A iconografia monetária sibilina no Mediterrâneo Antigo
Tais Bélo

Entre Mênades e sátiros: gênero e transgressão no universo dionisíaco
Karolini Batzakas de Souza Matos

A representação das personagens mitológicas na obra de Evelyn de Morgan
Letícia Schneider Ferreira

MESA 10: ANTIGUIDADE, MITO, GÊNERO E ENSINO (07/10, 09H ÀS 11H)

Mediação: Dielson Santos da Costa

Mulheres e Educação: Educação Ateniense Clássica sob o olhar das questões de Gênero
Dielson Santos da Costa

Tragédia grega e Ensino de História
Darcylene Domingues

As mulheres na Grécia Antiga: uma abordagem a partir da iconografia da cerâmica ática (séculos VI - IV A. E. C.)

Daniela Ferreira da Silva

Do mito à resistência: gênero e poder no mito de Medeia
Daiana Junqueira Moreira

Euricleia e a internalização da dominação masculina na Odisseia
Helio Pimentel Neto

MESA 11: CORPO, GÊNERO E VIOLÊNCIA ENTRE A ANTIGUIDADE E A ATUALIDADE (07/10, 14H ÀS 16H)

Mediação: Hiandra Munique de Souza Costa

O corpo e o feminino: gênero e medicina em uma perspectiva biopolítica da medicina romana

Hiandra Munique de Souza Costa

Galbini mores: vestuário e masculinidades nos epigramas de Marcial
Diogo Moraes Leite

Boycetas, pussywives e femboys: identidades digitais de gênero e sexualidade em diálogo com a Antiguidade
Amélia Silva

Tétis e as estruturas elementares de violência
Denise Cardoso Soares dos Santos

Resumos das Conferências

9

CONFERÊNCIA 1:

Corpo e gênero no Ensino Médio: uma proposta didática em História Antiga
Lourdes Feitosa (UNISAGRADO-UNESP/Araraquara)

Resumo: Nas últimas décadas, muitos debates têm acontecido sobre as construções históricas do feminino e do masculino e da separação entre o biológico e o gênero. Ampliaram-se os estudos focados no modo de as pessoas se relacionarem com o próprio corpo e sua sexualidade. Costumes, cuidados, gestos, posturas e adereços são relacionados com as definições dos masculinos e dos femininos e permeiam os embates estabelecidos entre os vários grupos no campo social. E o próprio corpo é investido por relações de poder e de dominação, tanto no ambiente social como no campo discursivo e das representações, mas também exerce resistências e transformações. A partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o intento desta apresentação é o de discutir possibilidades de trabalhar o tema do corpo, e de suas configurações de gênero e sexualidade, a partir do Itinerário Formativo de Ciências Humanas, em suas competências: 1 – “Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais”, e 5 – “Analizar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação”. A metodologia usada será a análise de fontes literárias, epigráficas e imagéticas da sociedade romana e o seu confronto com acepções atuais, a fim de desnaturalizar conceitos e visões trans históricas e universais sobre eles; fortalecer a leitura histórica e desenvolver o olhar crítico do discente a respeito da temática e de suas próprias percepções e valores.

CONFERÊNCIA 2:

“No hay barrera, cerradura ni cerrojo que puedas imponer a la libertad de mi mente”
(V.Woolf): re-visitando experiencias lectoras y prácticas didáctico-pedagógicas en la formación de profesores de Letras del siglo XXI a la luz de la Historia de las mujeres y de género

Gladys Lizabe (Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza, Argentina)

Resumen: Crecer y formarse como docente en Letras a fines del siglo XX no ha sido fácil y demuestra los avatares que toda profesión sufre con la llegada de nuevos marcos epistemológicos. Del estatismo de los conocimientos y de la seguridad que toda ocupación, sobre todo la docente, ofrecía en los '80 y '90, la vorágine de los albores del siglo XXI desbarató nuestras seguridades personales, laborales y científicas, e implicó cambios impensables e inesperados a nivel personal, de formación, de adaptación laboral a nuevos sujetos, necesidades y contextos. En esta exposición, compartiré unas experiencias lectoras construidas a partir de un canon lector androcéntrico, propio de la formación en Letras de fines del siglo XX y principios del XXI que fui de-construyendo a medida que incursionaba en la Historia de las mujeres, el enfoque de género, el estudio sobre feminismos, neo y otras lecturas afines. Desde estos estudios, intentaré compartir

en un proceso de meta reflexión docente, mi propio proceso de subjetivación del canon literario medieval hispánico en el que me formé y al re-construí y renové gracias a diversos enfoques en los que no me había preparado. En este marco, la presente exposición posee dos momentos: el primero reflexiona sobre la “re-invención” de unos textos literarios clásicos de la literatura medieval española a la luz de enfoques novedosos y originales surgidas de las miradas nombradas precedentemente; el segundo momento focaliza su atención y ejemplifica temas y problemas de textos hispánicos medievales clásicos, factibles de ser re-interpretados y revitalizados aplicando teorías procedentes de áreas no literarias; en este caso especial, me referiré a un clásico como es *La Celestina* (1499). Nuestro objetivo es compartir unas reflexiones para demostrar que las decisiones sobre la propia formación profesional poseen un punto de partida común- lo que aprendemos en nuestra formación docente-, pero que no somos esclavos de ella sino que esta es el punto de partida de nuestras propias formas de ser y hacer como docentes e investigadores “feministas”. Como aseveró Virginia Woolf. “*No hay barrera, cerradura ni cerrojo que puedas imponer a la libertad de mi mente*”. Nuevas experiencias lectoras y prácticas didáctico-pedagógicas en la universidad del siglo XXI así lo ameritan y acreditan.

CONFERÊNCIA 3:

Mulheres consagradas em tempo de guerras: controle dos corpos, violência e agência social de religiosas católicas em contextos africanos, séculos XIX, XX e XXI
Patrícia Teixeira Santos (UNIFESP/PPGH/UFAM)

Resumo: A expansão missionária nos séculos XIX e XXI teve na atuação das religiosas um papel muito profundo, que difere muito das abordagens das história das Missões em torno dos nomes dos bispos e padres. Desde o final da Primeira Guerra Mundial, às mulheres são responsáveis pela permanência e enraizamento das comunidades cristãs e foi em torno das suas associações e reuniões que surgiu uma juventude cristã na África que teve um papel chave nos movimentos de libertação nacional. Se abordará trajetórias de religiosas que expostas a situações limites de violência e controle dos corpos, construíram comunidades e redes que atravessaram o tempo e fazem parte das histórias de muitos povos do Sudão, Sudão do Sul. Se destacará as histórias do primeiro grupo das missionárias Combonianas no Sudão , de 1881 a 1898, face a maior revolta anticolonial da África, a Mahdiyya no Sudão e o grupo das Missionárias Combonianas de 2021 a 2024 em Cabo Delgado, Moçambique. Presença feminina, protagonismo, vida consagrada, violência e caminhos de resiliência serão aspectos analisados nessas histórias distantes a mais de um século, mas que trazem a temática dos limites da missão e a condição feminina

Resumos das Mesas Redondas

MESA 1: INFÂNCIA, EDUCAÇÃO E GÊNERO

A infância esquecida ou soberana? Uma análise interseccional

Andréa da Rocha Rodrigues Pereira Barbosa (UEFS)

Resumo: A infância, enquanto uma fase específica da vida humana, é um conceito social e historicamente construído que, segundo Philippe Ariés (1981), esteve diretamente associado a consolidação da família nuclear e burguesa e a alteração entre as relações sociais e afetivas entre pais e filhos e, consequentemente, o surgimento de um processo de socialização das crianças através da escolarização. A hipótese do autor, não obstante esteja parcialmente correta quando pensada as partir de uma Europa Ocidental, não pode ser aplicado para o Brasil sem a ferramenta da interseccionalidade (Collins; Bilge, 2020). O passado escravista delegou a população afrodescendente do Brasil Republicano um processo intenso de exclusão social e racial que implicou em políticas públicas demarcadas pelo racismo e classismo quando direcionadas pra seus filhos e comparadas com as crianças das elites socialmente brancas. Dessa forma, as pesquisas que desenvolvi sobre o segmento infanto-juvenil no Brasil e, especificamente na Bahia, desde o início do século XX, indicam que só é possível pensar este segmento no plural, ou seja, infâncias. Ao mesmo tempo, reconhecer não só a pluralidade desta classe de indivíduos, como também o fato de ser perpassado por marcadores de classe, gênero e raça que estruturam as relações de poder em nossa sociedade desde tenra idade.

Do Abandono à Realeza: Imagens e Representações da Infância em *Íon* de Eurípides

Brian Kibuuka (UEFS)

Resumo: Este trabalho propõe uma análise das complexas representações da infância na tragédia *Íon*, de Eurípides. Partindo da figura central de Íon, investigamos como a peça constrói a imagem da criança abandonada, criada em um ambiente sagrado e, posteriormente, revelada como herdeiro de uma linhagem real. Argumenta-se que Eurípides utiliza a trajetória de Íon para explorar temas como a vulnerabilidade da criança diante dos desígnios divinos e das paixões adultas, a busca por identidade e pertencimento, e a tensão entre a inocência infantil e a cruel realidade política e religiosa da pôlis ateniense. A análise se concentrará nos diálogos de Íon, nas suas interações com Creúsa e Xuto, e na simbologia do seu enjeitamento e posterior reconhecimento, demonstrando como a infância é representada não apenas como uma fase biológica, mas como uma potente construção dramática e social.

A criança como ponto de partida: educação, progresso e disciplina

José Augusto Ramos da Luz (UEFS)

Resumo: Durante a Primeira República, a Bahia vivenciou um contexto político marcado pela fragilidade das instituições democráticas, pela centralização do poder na União e pela prevalência de estruturas oligárquicas como o coronelismo. Nesse cenário, o ideal de progresso passou a ser utilizado pelas elites como justificativa para um projeto de modernização que, ao invés de promover transformações amplas e inclusivas, aprofundava desigualdades e reforçava práticas de controle social, especialmente sobre os segmentos populares. A infância emergiu, nesse processo, como um ponto estratégico para a consolidação da ordem republicana, sendo alvo privilegiado de políticas educativas que buscavam disciplinar corpos e mentes desde os primeiros anos de vida. A educação

na Bahia não foi apenas uma ferramenta de instrução, mas, sobretudo, um poderoso mecanismo de controle social. Ao transformar a infância no centro das estratégias de intervenção do Estado, articulando discursos científicos, morais e patrióticos, as elites procuraram garantir a estabilidade da ordem social por meio da conformação precoce das futuras gerações. A escola, nesse contexto, assumiu o papel de agente disciplinador e reproduutor de desigualdades, disfarçado sob o manto da civilização e do progresso.

MESA 2: GÊNERO, SABERES E TEMPORALIDADES

Maria, Melusina e Dama Pé-de-Cabra: o corpo feminino terra-natureza no medievo latino

Aline Dias da Silveira (UFSC)

Resumo: A presente pesquisa propõe uma análise do pensamento medieval, sua cosmopercepção manifestada nas alegorias feitas a partir do corpo feminino santo e/ou mágico com a terra e territórios, e o conceito de corpo-território de epistemologias indígenas e feministas. Para tal análise, busca-se o aporte dos estudos decoloniais e de epistemologias outras de intelectuais dos povos originários, considerando a experiência local da perspectiva do Sul Global. Como artifício metodológico para esta proposta ensaística, parte-se do entendimento que expressões de cosmologias aplicadas em sociedades pré-industriais denotam a não-cisão completa entre os corpos e a natureza. No entanto, o elemento de posse e submissão da terra/corpo feminino no medievo europeu é o principal elemento que caracteriza as diferenciações e distanciamentos com outras culturas.

Honra e violência de gênero: um diálogo historiográfico sobre os crimes de defloramento na Bahia

Larissa Cheyenne Nepomuceno de Jesus (UNEB - Campus V)

Rui Marcos Moura Lima (DCHF-UEFS)

Resumo: A presente análise se concentra na intersecção dos trabalhos historiográficos realizado por dois pesquisadores, Rui Lima e Larissa Nepomuceno. Esta colaboração surge da relação entre orientador e orientanda, abordando temas que se entrelaçam no contexto das questões de gênero, especificamente no que tange ao crime de violação sexual, classificado na legislação da época, como “defloramento”. Além disso, explora as reações moldadas pelo conceito de honra, que influenciou comportamentos em diversas épocas da história brasileira. O intuito é apresentar ao público os resultados dessas pesquisas complementares, sendo uma delas vinculada à conclusão de doutorado, tendo foco o período do Império, em particular no ano de 1844, que envolveu o rapto e “defloramento” de Pôrcia Carolina da Silva Castro, perpetrado por Leolino Pinheiro Canguçu, membro de uma família abastada proprietária de fazendas no Alto Sertão baiano. O segundo estudo foi realizado durante a Especialização em História da Bahia (UEFS), centrando-se na cidade de Sant’anna do Catú, também na Bahia, com um recorte temporal da Primeira República, abrangendo os anos de 1927 a 1930. Nesta pesquisa, a autora investigou dois casos de “defloramento”: o de Querina do Espírito Santo, jovem negra, órfã e lavradora, e o de Zilda de Araújo Góes, jovem branca e rica, filha do Coronel Paulino César de Araújo Góes. Para a apresentação dos resultados, aplicamos a teoria da interseccionalidade, que possibilitou uma análise considerando as categorias de raça, classe e gênero. Nesse sentido, utilizou-se um vasto arcabouço documental, que inclui jornais da época, processos judiciais, discursos de presidentes, entre outras fontes. O objetivo foi investigar as relações entre honra e gênero, além de identificar se outros

marcadores sociais, como raça e classe, influenciaram a tramitação dos processos e os desfechos das sentenças proferidas pelos magistrados?

13

As mulheres da Roma Antiga no Ensino de História

Sarah Fernandes Lino de Azevedo

Resumo: Esta apresentação tem como objetivo explorar o potencial didático de recortes temáticos baseados nos estudos das mulheres da Roma Antiga no Ensino de História. Desta forma, tendo como foco o período do fim da República e início do Império Romano, serão abordados temas como: a participação das mulheres na política romana, a produção de conhecimento pelas mulheres, a relação entre as mulheres e a escrita, a autoridade feminina na sociedade, as mulheres entre o público e o privado etc. A partir destes temas, serão feitos apontamentos sobre a pertinência dos estudos de gênero sobre a Antiguidade no Ensino de História, de acordo com as novas diretrizes e leis que ditam, principalmente, sobre o ensino de História das Mulheres.

MESA 3: GÊNERO E SEXUALIDADES NORMATIVAS E DISSIDENTES

História medieval e saberes sobre a diferença sexual no Jogo Didático Hagiografando

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva (PEM-UFRJ)

Resumo: No decorrer da execução do projeto *A construção medieval da memória de santos venerados na cidade do Rio de Janeiro: uma análise a partir da categoria gênero*, financiado pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), conectando pesquisa, ensino e extensão, foram elaboradas propostas de atividades para o uso didático. Em meio às discussões, surgiu a ideia de criar um jogo que permitisse articular conteúdos referentes à História Medieval e a compreensão de como os saberes sobre a diferença sexual, o gênero, afetam tanto trajetórias particulares como a própria organização das sociedades. O processo de elaboração do jogo envolveu, dentre outras etapas, leituras e debates de textos teóricos, análise de jogos já existentes, atividades teste para verificar a sua jogabilidade. O objetivo do jogo é a construção da biografia de uma pessoa, identificada como homem ou mulher, que desenvolveu atividades ou apresentou atributos que a levaram a ser reconhecida como digna de veneração. Para tanto, é necessário escolher cartas que permitam ir montando uma “vida de santo”, modalidade textual que se consolidou no período medieval, com coerência. As cartas contêm elementos que, segundo a historiografia, caracterizaram o medievo ocidental e expressam as perspectivas sobre o que era esperado de homens e mulheres no período. O jogo tem sido aplicado junto a alunos de diversos níveis. Na exposição, apresentarei o jogo e suas potencialidades didáticas, relatando experiências de seu uso em sala de aula.

Safo de Lesbos, (homo)erotismo e ensino de História antiga no Brasil: um tema (im)pertinente?

Letticia Leite (Unesp - FCLAS)

Resumo: A ampliação dos debates sobre Ensino de História Antiga, na educação básica e no ensino superior, é uma evidência que pode ser atestada, por exemplo, pela lista bibliográfica que reúne a produção nacional sobre o tema, disponibilizada no Site do Grupo de Trabalho de História Antiga da ANPUH. Essa lista traz publicações que remontam ao ano de 1987, mas, notadamente, ganhou volume a partir de 2015, em decorrência dos debates que acompanharam o processo de elaboração da Base Nacional

Comum Curricular (BNCC). Apesar dos seus muitos limites, encontramos no texto final do referido documento, no tocante às habilidades do ensino de História do sexto e nono anos, respectivamente, propostas como: “descrever e analisar os diferentes papéis sociais das mulheres no mundo antigo nas sociedades medievais” e até mesmo de “discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.)”. Nesse horizonte, e ambicionando dialogar com as muitas reflexões já realizadas, o objetivo da nossa exposição será pensar em uma questão talvez ainda pouco contemplada, a saber: como o ensino e aprendizagem da mélica sáfica e de aspectos da recepção relacionados a essa poeta e suas canções podem contribuir no sentido de evidenciar a pertinência em se pensar historicamente e interseccionalmente sobre mulheres e (homo)erotismo?

Comportamento e normas sexuais no contexto da modernidade republicana

Maria Aparecida Prazeres Sanches

Resumo: No início do século XX, novas e regras foram rigidamente estabelecidas quanto ao comportamento feminino e masculino, principalmente no que se refere as normas de comportamento sexual. Das mulheres esperava-se que se mantivessem virgens e aos homens que, na construção das masculinidades, fossem viris e sexualmente ativos. Assim coube as mulheres controlarem os avanços dos namorados viris além de controlar seus próprios desejos. Nesse sentido conflitos e disputas se estabeleceram em torno das normas sexuais atravessadas por hierarquias de raça e classe, essa fala pretende discutir esses conflitos que se estabeleceram e refletir como essas diferenciações redundaram em múltiplas formas de violências sobre os corpos femininos.

Resumos das Comunicações livres

A ATUAÇÃO FEMININA NA SOCIEDADE OITOCENTISTA: MULHERES, HOMENS E A IMPRENSA COMO ESPAÇO DE PRÁTICAS DISCURSIVAS FEMINISTAS

Michael Antonio Silva dos Santos (UEFS)

Resumo: Este trabalho busca compreender os mecanismos de articulação e circulação das ideias feministas no Brasil do século XIX, com especial atenção ao papel da imprensa enquanto espaço estratégico de difusão de discursos. A investigação analisa tanto jornais feministas — como *O Sexo Feminino* (1873–1889), criado e dirigido por mulheres brancas pertencentes a uma elite letrada e economicamente privilegiada — quanto periódicos de orientação conservadora, como o *Jornal do Brasil*, em diálogo com impressos mais antigos, a exemplo de *O Espelho Diamantino* (1827–1828). O objetivo é evidenciar como mulheres e homens estruturavam representações sobre a atuação feminina na sociedade e de que maneira os jornais se constituíam em instrumentos de propagação de práticas discursivas feministas e antifeministas. A análise considera as limitações de raça, classe e gênero na produção e circulação desses discursos, uma vez que as vozes feministas visibilizadas eram, em sua maioria, de mulheres brancas instruídas e abastadas, cujas condições permitiam acesso à escrita e à publicação. Para aprofundar essa discussão, o trabalho incorpora a perspectiva da interseccionalidade, conforme delineada por Helena Hirata (2014), permitindo refletir sobre os silêncios e exclusões que marcaram o feminismo nascente e suas formas de representação na imprensa oitocentista.

A ICONOGRAFIA MONETÁRIA SIBILINA NO MEDITERRÂNEO ANTIGO

Tais Pagoto Bélo (MAE-USP)

Resumo: Esta apresentação tem por intuito demonstrar quem eram as Sibilas, conhecidas como profetisas de Apolo, que escreveram os Livros Sibilinos e que ajudaram a moldar Roma durante a República e início do Império. A origem delas se debruça em uma abrangente área do Mediterrâneo Antigo, diante de uma longa duração, que parte do século V a.C. ao II d.C. Na apresentação será evidenciada uma cultura material composta por moedas, que demonstrará a importância delas em diversas partes do Mediterrâneo. Será exibido a análise de elementos iconográficos sibilinos, que elucidam uma interação cultural dentro do Mediterrâneo e de uma dinâmica da aceitação das agências oraculares das Sibilas de forma local e global, procedentes de conectividades e interações entre diferentes regiões. Localidades no Sul da Itália, como Crotone, e além-mar como Delfos, Samos, Eritreia, Marpeso, Cumas e Tibur presumia-se serem sedes de suas atividades oraculares. A complexa relação entre as culturas romana e grega, com as de outras localidades, é central para a compreensão da cultura oracular sibilina, assim como dos intercâmbios estabelecidos de longa data entre diferentes comunidades. A ampla disseminação de moedas com elementos oraculares, apolínicos e sibilinos pode ser caracterizada como uma atividade universalizada do particular, em que o universal se daria pela extensão de lugares de existência de uma atividade particular, que seria a oracular. O que antes era algo da cultura grega, que ainda pode ter vindo do Oriente, passa a estar presente em praticamente todo o Sul da Itália, incluindo Roma. O trabalho que

será apresentado evidenciará o fato da importância dessas mulheres e de suas atividades de forma global no Mediterrâneo, bem como o valor da origem das Sibilas e sua importância social nas diferentes regiões.

A INTELECTUALIDADE DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS

Deyse Vieira Quinto (Secretaria de Educação do Estado da Bahia)

Resumo: Esse texto nasce a partir da minha pesquisa de mestrado sobre a participação das trabalhadoras domésticas do Brasil na Assembleia Constituinte de 1987/88 e a consequente nacionalização do movimento político da categoria. Durante a investigação, tive acesso a relatórios e cartas produzidos no contexto dos eventos regionais e nacionais da categoria, conteúdo análises de conjuntura, estratégias de ação, leitura histórico-social, análises críticas sobre a posição e identidade social das domésticas. Pude entrevistar Creuza Maria Oliveira, fundamental ativista baiana da causa das domésticas, bem como ler capítulos de livros escritos por ela, assistir palestras e falas públicas, entrevistas a podcasts, a documentários e a outros pesquisadores.

Entrei em contato, então, com o conhecimento engendrado por Creuza Maria Oliveira, representante e fruto dos sindicatos de trabalhadoras domésticas do Brasil. Tal conhecimento foi homenageado pela Universidade Federal da Bahia, em novembro de 2023, através da concessão do título de Doutora Honoris Causa. Um título que Creuza entende como não apenas dela, mas de toda a categoria. A sindicalista entende que o reconhecimento é uma contrapartida por todo o benefício oferecido pelas domésticas à academia através de suas vivências.

Diante do exposto, questiono-me o impacto de considerar Creuza Maria de Oliveira uma intelectual. Nesse espaço, pretendo refletir sobre o conhecimento produzido pelas domésticas e sobre a valorização desse conhecimento na academia. Parto, inicialmente, de um diálogo com o livro *E eu, não sou uma intelectual?* de Barbara Carine, onde a autora conceitua intelecpluraldade como “uma categoria de descolonização do pensamento que pauta a ruptura com o modelo único de intelectualidade imposto pela óptica brancocêntrica ocidental, prevendo uma ritualística epistêmica e performática para a constituição da pessoa intelectual”.

A POLÍTICA NA PRIMEIRA REPÚBLICA A PARTIR DAS PRIMEIRAS-DAMAS: AS TRAJETÓRIAS DE ORSINA DA FONSECA E NAIR DE TEFFÉ (1910-1924)

Bethânia Luisa Lessa Werne (UDESC)

Resumo: As investigações sobre as diferentes formas de participação e atuação políticas das mulheres permitem a ampliação de olhares sobre os contextos sociais, econômicos, intelectuais e políticos que caracterizam cada período e sociedade. Dentre estas, destacam-se renovadas perspectivas a partir do alargamento de fontes possíveis para o estudo da história política. Nesse âmbito, ao final do século XIX e início do século XX, a partir da implementação da República no Brasil, uma nova função foi criada: a função de primeira-dama. A partir disso, esta comunicação tem como objetivo apresentar reflexões sobre as representações das atuações políticas das primeiras-damas Orsina da Fonseca e Nair de Teffé ao longo da Primeira República (1910-1924) a partir do estudo de suas redes de relações, espaços de sociabilidades e trajetórias. Para esta análise o corpus documental utilizado foi formado pelos jornais do Rio de Janeiro (1910-1924), acessados a partir da Hemeroteca Digital Brasileira, pelos Anais do Senado Federal que compreendem as sessões realizadas entre os anos de 1910 e 1914 e pelas memórias

escritas por Nair de Teffé na obra *A Verdade sobre a Revolução de 22* (1974). Através da metodologia da análise de conteúdo, portanto, foi possível observar distintos protagonismos exercidos por estas mulheres e, por conta destes, representações favoráveis e/ou críticas aos mesmos. Assim, de modo a renovar as narrativas sobre o período e sobre o cenário político da época, este recorte de pesquisa busca demonstrar as agências de Orsina da Fonseca e Nair de Teffé para além das figuras masculinas, compreendendo-as enquanto mulheres de seus tempos e enquanto protagonistas de suas trajetórias.

A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NO DECAMERÃO (1348-1353) DE GIOVANI BOCCACCIO (1313-1375): UM ESTUDO SOBRE GÊNERO, TRAIÇÃO E SUICÍDIO NA IDADE MÉDIA

José Carlos da Silva Ferreira (UPE/PPGFPI).UFPI

Resumo: Este trabalho é fruto da pesquisa do trabalho de conclusão do curso já defendido. Nele, observa-se a história de duas mulheres que tiveram fins trágicos e estão presentes no Decamerão (1348-1353) de Giovanni Boccaccio (1313-1375). A problemática, de modo específico, discute temas considerados tabus no contexto medieval, onde o pensamento religioso e patriarcal era dominante. Assim, Guismunda, filha de um príncipe, apaixona-se por Guiscardo, resultando na morte deste último e no suicídio dela para ficar ao lado do amado na eternidade. Sua astúcia em manter os encontros secretos e sua decisão premeditada de suicídio desafiam os paradigmas femininos da época. Já na segunda história, uma mulher traída pelo marido se suicida ao descobrir a verdade. Esses comportamentos desafiam as normas sociais da época, enquanto Boccaccio aproveita a brecha moral aberta pela peste negra de 1347. A ambiguidade entre a morte, a traição e o suicídio constituíram uma relação complexa junto com o rompimento da moralidade, uma vez que o livro foi direcionado às mulheres que estava em casa entediadas fugindo da peste negra de 1348. Os valores religiosos são questionados pelo comportamento dessas mulheres. Vale lembrar que a Igreja condenava hereticamente o suicídio ao inferno. Por fim, observamos a construção de representações femininas que nem sempre aparecem nas tramas medievais. Boccaccio tem essa licença poética, entre outras coisas, alicerçada na brecha moral que a peste negra abriu na sociedade do século XIV.

A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS MITOLÓGICAS NA OBRA DE EVELYN DE MORGAN

Letícia Schneider Ferreira (UFRGS - IFRGS - Campus Bento Gonçalves)

Resumo: O estudo da história da arte permite observar que a representação das mulheres foi marcada por estereótipos produzidos majoritariamente a partir do olhar de artistas masculinos, que enfatizaram a objetificação ou a idealização do corpo feminino em detrimento de sua complexidade. Evelyn de Morgan (1855–1919), pintora britânica vinculada ao movimento pré-rafaelita, mostra-se muito relevante por oferecer uma abordagem diferente, na qual personagens mitológicas femininas ganham centralidade e profundidade emocional. O presente trabalho tem como objetivo analisar como a pintora constrói representações das seguintes personagens: Ariadne, Medéia e Helena de Troia, destacando experiências de abandono e seu papel fundamental para a glória do herói. A investigação se justifica devido à necessidade de valorizar a produção artística de mulheres historicamente invisibilizadas, bem como na relevância de refletir sobre

narrativas clássicas sob uma perspectiva crítica de gênero, contribuindo para um debate atual referente à representatividade e equidade entre homens e mulheres. A metodologia adotada incluiu revisão bibliográfica sobre arte e gênero, leitura das Heroides de Ovídio, em que heroínas expressam sentimentos de dor e abandono, e análise iconográfica das obras Ariadne em Naxos (1877), Medéia (1889) e Helena de Troia (1898). Os resultados indicam que Evelyn de Morgan apresenta as personagens na centralidade da narrativa, como agentes de suas próprias histórias, pintando imagens delicadas e com riqueza de detalhes em relação à vestimenta e ao cenário. Como considerações finais, observa-se que a pesquisa contribui para uma releitura crítica da arte, reafirmando a importância de conhecer a atuação de mulheres artistas, ampliando os horizontes interpretativos da história da arte em direção a uma perspectiva mais inclusiva e plural.

A SAFO DE NOSSO TEMPO: GÊNERO, LITERATURA E EDUCAÇÃO EM VIRGÍNIA WOOLF

Maria Angélica Brasil Marques (Coordenadora de Publicações - Fórum Direitos Já)

Resumo: A presente proposta analisa a dupla historicidade em Safo de Lesbos e Virginia Woolf para pensar a literatura feminina como prática da liberdade. Separadas por mais de dois milênios e distintos contextos culturais, mas, sempre diante da hegemonia masculina, ambas podem ser usadas como referência para novas metodologias. A pesquisa bibliográfica mostrou que ao estudar mulheres como Safo em sala de aula, amplia-se a tradição retórica, incorporando vozes femininas frequentemente ausentes dos relatos históricos convencionais. Safo (c. 630–580 a.C.) foi uma poeta lírica da Grécia arcaica que liderava um círculo de jovens mulheres em Mitilene, transmitindo conhecimento em ambientes coletivos. O aspecto pedagógico de sua obra reside, portanto, na criação de experiências afetivas e culturais. Virginia Woolf (1882–1941), escritora modernista britânica, produziu romances e ensaios que criticam abertamente as desigualdades de gênero e defendem a autonomia das mulheres como, por exemplo, em *Um Teto Todo Seu*. Em uma obra de ficção chamada *Orlando*, Woolf explora a fluidez da identidade de gênero, acompanhando um personagem que atravessa séculos e muda de sexo, questionando fronteiras e expectativas sociais. Apesar das diferenças históricas, Safo e Woolf foram assemelhadas, pois compartilham traços pedagógicos e transgressores. Ambas criaram espaços de diálogo: Safo, por meio da poesia e das atividades coletivas, e Woolf por meio da literatura e do grupo *Bloomsbury*. O estudo evidencia o valor pedagógico da literatura feminina, mostrando que a presença da mulher intelectual é emancipatória para a educação popular, para currículos escolares e universitários.

AGENTES DE MEMÓRIA: A AGÊNCIA SOCIAL DAS COLUMELAS NO CONTEXTO FUNERÁRIO DE POMPEIA

Yuri Augusto de Oliveira (PPGH-UFBA, École Doctorale d'Histoire da Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne)

Resumo: Este trabalho investiga a agência social das columelas, marcadores funerários antropomórficos amplamente utilizados em Pompeia, como elementos ativos na construção da memória e na dinâmica social das necrópoles. Partindo de uma análise que integra cultura material, epigrafia e um referencial teórico pautado na Teoria Ator-Rede e na Antropologia da Arte, argumenta-se que esses artefatos transcendem sua função de simples identificação tumular. As columelas, confeccionadas em materiais como tufo, calcário e mármore, não eram exclusivas de uma classe social específica, marcando

sepulturas de crianças, escravos, libertos e magistrados. Adicionalmente, sua forma esquemática, mas distintamente humana materializava a presença do falecido, mediando a sua agência.

AS MULHERES DA UMBURANAS NOS LIVROS CARTORIAIS E ECLESIÁSTICOS

Caline Oliveira Santos (UFRRJ)

Resumo: Pretende-se discutir os livros de notas da freguesia das Umburanas bem como as formas de aquisição das propriedades que estavam em nome de mulheres. As mulheres aparecem comprando e vendendo terras, sítios e escravos, ou seja, através dos livros notariais foi observado as transações comerciais onde as mulheres estavam inseridas na freguesia das Umburanas. Com base nos registros de compra e venda dos escravizados foi possível observar como as mulheres escravizadas e proprietárias estavam inseridas na dinâmica escravagista da freguesia. Por meio dos livros de notas foi possível perceber que todos os moradores da freguesia se preocuparam em registrar suas terras, muito provavelmente em decorrência da Lei de Terras, de 1850. Por isso, busquei no livro eclesiástico de terras por mulheres que procuraram a paróquia de Umburanas para registrar sua propriedade.

AS MULHERES NA GRÉCIA ANTIGA: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA ICONOGRAFIA DA CERÂMICA ÁTICA (SÉCULOS VI - IV A. E. C.)

Daniela Ferreira da Silva (UNICAMP)

Luana Saturnino Tvardovskas (UNICAMP)

Resumo: A proposta deste trabalho é apresentar um plano de aula e o processo de execução que será realizado com os sextos anos na escola EM “Parque dos Ipês” em 2024, no município de Holambra, São Paulo. Tal proposta parte de um seminário interno promovido pelo Didaskō (διδάσκω)- Grupo de Estudos em Ensino da História Antiga – LEDDES/UERJ. A partir da representação de mulheres em diversas cenas do cotidiano na cerâmica ática nos séculos VI - IV A. E. C., e pela perspectiva das teorias de gênero, buscamos romper com uma concepção androcêntrica da história, que por muito tempo predominou a ideia de que as mulheres estavam restritas ao espaço doméstico. Nosso foco é proporcionar o protagonismo feminino.

AS REPRESENTAÇÕES DA IMPERATRIZ ÉLIA EUDÓXIA NAS HISTÓRIAS ECLESIÁSTICAS DO SÉCULO V: REFLEXÕES SOBRE O PODER IMPERIAL FEMININO NA ANTIGUIDADE TARDIA

Amanda de Carvalho Santos Lima (PPGHIS/UFRJ)

Resumo: Na passagem do século IV para o século V, a imperatriz-consorte romana do Oriente, Élia Eudóxia (395-404) destacou-se como uma figura influente na política e religião do Império Romano do Oriente, promovendo o cristianismo niceno e combatendo o paganismo e o arianismo, ainda populares em diversas regiões. Governante do Oriente Romano ao lado do imperador Arcádio (395-408), Eudóxia foi representada nas fontes de maneira controversa. Na historiografia mais recente, o historiador britânico Wolf Liebeschuetz, por exemplo, a descreve como uma figura impulsiva, especialmente em suas reações às ações e aos sermões do bispo de Constantinopla, João Crisóstomo. Já a

historiadora Wendy Mayer afirma que a imperatriz foi alvo de uma série de críticas principalmente por conta da sua atuação junto às questões eclesiásticas e por sua proclamação como Augusta antes de dar à luz um herdeiro masculino para o imperador. Nesse sentido, a presente pesquisa examina as representações da imperatriz-consorte Élia Eudóxia (395-404) nas *Histórias Eclesiásticas* de Sócrates Escolástico, Sozomeno de Betélia, Filostório da Capadócia e Teodoreto de Cirro. Por meio da investigação de tais narrativas do século V, produzidas por autores masculinos, buscamos compreender como os discursos dos historiadores, compreendidos como práticas de poder na perspectiva foucaultiana, construíram representações específicas sobre Élia Eudóxia, estabelecendo normas e limites para a atuação feminina no espaço público. Para fins de análise da documentação, mobilizamos o conceito de gênero apresentado por Joan Scott em "Gender: a useful category of historical analysis" juntamente com a perspectiva teórica de Michel Foucault.

AS VÁRIAS PARTES DE UM “FRUTO PROIBIDO”: MULHERES, VIOLÊNCIA E TRANSGRESSÕES PELA LENTE DE CLARICE LISPECTOR EM A VIA CRUCIS DO CORPO

Pedro Henrique Alves Pamponet (PPGH-UFBA/Grupo Nina Simone)

Resumo: Em A Via Crucis do Corpo (1974), Clarice Lispector constrói uma narrativa ousada sobre os corpos femininos sob o jugo da ditadura militar brasileira. Através de contos que mesclam crueza e poesia, a autora expõe as contradições de uma sociedade que reprimia tanto as liberdades políticas quanto os desejos íntimos. As histórias revelam personagens marginalizadas - freiras, prostitutas, idosas, jovens - todas confrontando as estruturas opressoras do patriarcado, da religião e do Estado autoritário. Lispector descreve a violência cotidiana contra mulheres, mas também seus pequenos atos de rebeldia: um orgasmo solitário, uma fuga do convento, uma performance de resistência. A obra permanece atual ao mostrar como o controle sobre os corpos femininos é instrumento de poder.

BOYCETAS, PUSSYWIVES E FEMBOYS: IDENTIDADES DIGITAIS DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM DIÁLOGO COM A ANTIGUIDADE

Amélia Silva (UFBA)

Resumo: Novas identidades sexuais e de gênero têm sido veiculadas na internet para a surpresa e confusão de quem a navega. “Boycetas”, “pussywives” e, sobre o qual esta pesquisa se detém mais especificamente, “femboy”, são alguns exemplos destas novas identidades. Nesta comunicação, argumento que o uso do termo “femboy”, utilizado na atualidade para caracterizar homens/jovens femininos, tanto como identidade sexual e de gênero quanto de desejo fetichístico está associado a uma recepção da Antiguidade e seu sistema de sexo único como investigado por Laqueur (1992). Faço uma análise comparada entre uma seleção de imagens, narrativas e discussões veiculadas em fóruns anônimos (utilizando a internet como arquivo), o sistema de sexo único gestado na Antiguidade e os casos emblemáticos de Sporus, o jovem castrado e elevado à condição de esposa de Nero por sua semelhança com sua falecida esposa, Poppaea Sabina, e do imperador Heliogábalos, descrito criticamente pelo senador Cassius Dio como uma “mulher” entregue em casamento a um homem como “esposa, amante e rainha” — suscitando debates contemporâneos sobre a possível identidade de gênero do imperador. Lastreada na história da percepção dos gêneros e sexualidades, esta pesquisa contribui para a historicização de termos relativamente novos, mas com uma certa genealogia

verificável, dando uma perspectiva histórica à criação, veiculação, trânsito e embate de termos utilizados na definição de identidades sexuais e de gênero. Além de demonstrar o caráter transitório e disputado nestes usos, esta comunicação posiciona os métodos historiográficos como especialmente capazes de conduzir este debate, a importância do estudo do passado para historicizar o presente, a internet como arquivo e a construção dialogada com a Recepção do Passado de identidades digitais.

“CONSELHOS ÚTEIS”: O JORNAL *O POPULAR* COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA DE CONTROLE PATRIARCAL EM FLORIANO (PI) NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Amanda Lopes Morais (UFPI)

Laura Brandão (UFPI)

Resumo: O *Popular* foi um jornal noticioso que circulou na cidade de Floriano (PI) entre os anos de 1912 e 1986 e que se configurou como a principal fonte de informações dos moradores da cidade no início do século XX. Tomando-o como fonte, este trabalho investiga um conjunto de discursos pedagógicos voltados às mulheres em Floriano (PI) nas décadas iniciais do século XX. O objetivo central desta pesquisa é a compreensão acerca dos direcionamentos comportamentais que a sociedade patriarcal do período estabeleceu para as mulheres daquela cidade. Historicamente, em sociedades patriarcais, é convencionado às mulheres o desempenho de papéis determinados antes mesmo do seu nascimento: esposa, mãe e cuidadora. Alguns comportamentos são igualmente atribuídos à uma suposta natureza feminina: docilidade, fragilidade, romantismo e passividade. No periódico são encontradas muitas notícias dedicadas ao público feminino que abordavam quais as peças de roupa que deveriam fazer parte do vestuário das mulheres, os ambientes a serem frequentados por elas, normas de comportamento para conseguirem um “bom” marido e produtos a serem consumidos pelas jovens. Assim, conclui-se que o jornal assumiu um viés “educativo” e regulador sobre as mulheres. Enquadrado na perspetiva teórica da História das Mulheres e embasado por uma fonte documental que foi amplamente consumida pela sociedade mais abastada da cidade na época, o jornal, produzido por homens, buscou validar e perpetuar a autoridade patriarcal sobre as mulheres, principalmente no ambiente familiar, onde, na época, a autoridade masculina era predominante. Para desenvolver esta pesquisa e auxiliar na problematização do tema utilizamos como aporte teórico autoras como Joan Scott, Carla Bassanezi e Roselane Neckel.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A FORMAÇÃO DAS COMUNIDADES CRISTÃS PRIMITIVAS DO SÉCULO I D.C

Daniela Barbosa da Silva Cunha (UFOP)

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo identificar e explanar as características formativas do movimento de Jesus na Galileia, suas relações com o poderio romano e judaico e as bases lançadas para a formação das comunidades cristãs primitivas do século I d.C. Para isso, pretende-se analisar o contexto histórico das primeiras comunidades cristãs e sua estruturação enquanto grupo que propõe novas relações com o poder vigente; organização essa que se estrutura tendo por base os aspectos essenciais do Sermão da Montanha dispostos no evangelho sinótico de Mateus. Visto isso, pretende-se, portanto, estabelecer os princípios que fundamentam a comunidade cristã como uma resposta ao modelo político imposto.

CORPOS EM DISPUTA: GÊNERO, PODER E AUTORIDADE NA OBRA DE LA DÉMONOMANIE DES SORCIERS

Laryssa Victoria dos Santos Valente (LETHAM-UFBA)

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão sobre as representações de gênero presentes no tratado De La Démonomanie des Sorciers do jurista francês Jean Bodin, analisando como a construção da feminilidade se delineia em contraste à masculinidade no contexto da caça às bruxas. A obra, ao mesmo tempo em que legitima práticas persecutórias, revela um imaginário jurídico-religioso que associa mulheres à instabilidade moral e à vulnerabilidade espiritual, reforçando a figura masculina como sinônimo de racionalidade, autoridade e ordem. Tal contraste não pode ser compreendido de forma isolada, mas a luz de debates gráficos que concebem o gênero como categoria analítica e que destacam a implicação entre discursos de poder, instituições e subjetividades. A análise dialoga com perspectivas que enfatizam a normalização dos papéis sociais e jurídicos, evidenciando como o discurso sobre o feminino se constrói em função de uma masculinidade hegemônica que o define como seu “outro” necessário. Nesse sentido, a demonomania harmônica não se limita a uma obra jurídica ou imunológica, mas constitui espaço privilegiado para observar como se articulam, no século XVI, categorias de diferença que atravessam a religião, o direito e educação moral, possibilitando uma leitura crítica sobre a autoridade da desigualdade de gênero.

DO MITO À RESISTÊNCIA: GÊNERO E PODER NO MITO DE MEDEIA

Daiana Junqueira Moreira ((ProfHistória - UNEB)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar a figura de Medeia, na tragédia de Eurípides, a partir da articulação entre gênero, História e Antiguidade, problematizando as representações do feminino na cultura grega e suas reverberações em debates contemporâneos. A pesquisa parte da constatação de que a historiografia tradicional marginalizou as experiências das mulheres, restringindo-as ao espaço privado ou doméstico e conferindo-lhes caráter secundário na narrativa histórica, como destacam Redfield (1993) e Scott (1995). Nesse sentido, busca-se evidenciar como os mitos clássicos, particularmente na dramaturgia, não apenas reproduzem estereótipos de submissão, fragilidade e ameaça à ordem social, mas também criam fissuras capazes de revelar formas de resistência e protagonismo feminino. O estudo privilegia a personagem Medeia como figura paradoxal, que oscila entre vítima e transgressora, encarnando simultaneamente a marginalização imposta às mulheres e a potência de romper com normas patriarcais. Para tanto, dialoga com a crítica feminista e com os estudos de História das Mulheres (Perrot, 2017; Bourdieu, 2002), adotando como metodologia a análise textual da tragédia eurípida, associada à revisão bibliográfica. Essa abordagem interdisciplinar entre História, Literatura e Estudos de Gênero permite compreender o mito não como narrativa estática, mas como discurso em permanente ressignificação, cujas camadas simbólicas seguem iluminando os debates atuais sobre poder, violência e desigualdade. Conclui-se, portanto, que a permanência cultural do mito de Medeia, constantemente revisitado em diferentes contextos e suportes artísticos, revela a força simbólica da personagem e sua atualidade como metáfora da condição feminina. Ao transformar a dor em vingança e a exclusão em ação, Medeia expõe os dilemas da condição feminina em sociedades marcadamente masculinas e possibilita refletir sobre as tensões históricas entre submissão e resistência, demonstrando como exclusões e

insurgências atravessam tanto a Antiguidade quanto a contemporaneidade.

23

ENTRE MÊNADES E SÁTIROS: GÊNERO E TRANSGRESSÃO NO UNIVERSOS DIONISÍACO

Karolini Batzakas de Souza Matos (*Unicamp*)

Resumo: Este trabalho investiga o caráter performativo de gênero no culto a Dioniso, analisando vasos áticos de figura vermelha a partir do conceito de performatividade de Judith Butler. Argumenta-se que as práticas rituais dionisíacas instauram espaços de transgressão simbólica, onde as normas binárias de gênero são temporariamente suspensas. Nesse contexto, mulheres assumem papéis ativos e travestem-se de sátiros, enquanto estes, afirmação dos excessos masculinos, ocultam seus phalloi, enfrentando, deste modo, uma situação de inversão das convenções corporais. O culto, ao articular elementos de ambiguidade e instabilidade identitária, evidencia que o gênero não é uma essência natural, mas uma prática social reiterada por atos performativos. A diversidade e a marginalidade inscritas na ode dionisíaca revelam corpos que tensionam as fronteiras entre masculino e feminino, ordem e desordem, norma e transgressão. Desta forma, a iconografia expõe corpos ambíguos e instáveis que escapam ao controle estatal, reafirmando que o gênero não é uma essência natural, mas uma prática social reiterada por atos performativos.

EURICLEIA E A INTERNALIZAÇÃO DA DOMINAÇÃO MASCULINA NA *ODISSEIA*

Helio Pimentel Neto (*FFLCH-USP*)

Resumo: Há muitas mulheres escravizadas na *Odisseia*. A mais importante delas é Euricleia, velha ama de Odisseu e governanta de seu palácio. Como nutriz e governanta, ela se destaca pela proximidade com a família senhorial, por sua função de gerenciamento dos bens e do trabalho na casa e pela posição de comando em relação às outras escravas. Estas prerrogativas colocam-na como uma figura central na trama do poema e na estrutura social nele representada. No entanto, apesar da fidelidade e do cuidado maternal dedicados a seus senhores, Euricleia também está sujeita a coação, ameaça e violência. O presente trabalho analisa a participação de Euricleia na execução das escravas que se deitaram com os pretendentes e insultaram o estrangeiro. Na interpretação aqui proposta, essa agência infeliz é entendida como decorrente de um processo de repressão e sublimação. Apenas a restauração da ordem que ela aprendeu a acatar e a punição das escravas que não se submeteram pode conferir sentido a seu próprio sofrimento. Assim, mais do que uma representação da “escrava ideal”, a personagem Euricleia aparece como representação da internalização da dominação.

EVAS E LILITHS FUTURAS: O TRÂNSITO MISÓGINO DE MULHERES ANDROIDES ENTRE O SÉCULO XIX E O SÉCULO XXI

Savio Queiroz Lima (*UFRGS*)

Resumo: A investigação busca produzir um trato historiográfico crítico sobre as representações femininas em entes artificiais e suas questões de gênero. A Ficção Científica apresenta representações metafóricas e sintomáticas das expectativas de gênero através de figurativas mulheres artificiais e seus usos e abusos ao universo masculino. Partido das análises de Ficções Científicas recentes, em filmes como *Alice: Subservience* (2024) e *Companion* (2025), o fazer historiográfico é de abordagem crítica de

permanências e mudanças nas representações e nos padrões de feminilidades subalternas. Tais obras, que promovem possibilidades de debates sobre representação, performance e feminilidade, são herdeiras de tradições ficcionais como os filmes Metropolis (1927) e Ghost in the shell (2017), mas, de forma muito mais significativa, a obra literária L'Eve Future (1886) e todo harém mecânico do século XIX que aproximou crise da modernidade com misoginia. A modernidade, através dos avanços tecnológicos e do capitalismo, interferiu e reordenou as fantasias sexistas de objetificação das mulheres.

FEMINISMO EM FORTALEZA E A GRANDE IMPRENSA EM 1975 – 1985

Kíria Samanta da Silva (Universidade Estadual do Ceará)

Resumo: Durante os anos de 1975 a 1985, em Fortaleza, foram publicados nos jornais tradicionais da cidade, *O Povo* e a *Tribuna do Ceará*, cadernos direcionados ao público leitor feminino. Nesses cadernos, mesmo estando em jornais com linha editorial mais conservadora, trouxeram em alguns momentos, temas feministas: trabalho feminino, educação, saúde das mulheres, divórcio e aborto. Ao mesmo tempo em que também colocou assuntos que historicamente percebidos para as mulheres, como moda e cuidados do lar. Dessa forma, o estudo tenta entender como esses jornais se interessaram e se apropriaram dessas temáticas, trazendo tais assuntos para conhecimento de seu público leitor geral, não apenas as mulheres. Tendo em perspectiva o momento histórico o qual o país passava.

GALBINI MORES: VESTUÁRIO E MASCULINIDADES NOS EPIGRAMAS DE MARCIAL

Diogo Moraes Leite (UNICAMP)

Resumo: Este trabalho examina epigramas de Marco Valério Marcial, epigramatista latino do século I E.C., com o objetivo de discutir representações da masculinidade no contexto romano. A análise concentra-se em trechos selecionados a partir da leitura minuciosa do texto latino e de aparato crítico, apresentados em tradução própria. Nesses epigramas, Marcial associa práticas como o cuidado excessivo com o corpo e a escolha de vestimentas a condutas consideradas inadequadas, construindo imagens que contrastam com os modelos de masculinidade predominantes. A sátira, nesse processo, desempenha papel central: ao ridicularizar comportamentos tidos como desviantes, delimita fronteiras entre práticas aceitas e não aceitas, contribuindo para a manutenção de uma identidade masculina idealizada. A investigação adota como referencial teórico as contribuições de Judith Butler sobre normatização e performatividade de gênero. Assim como Butler demonstra que o gênero se constitui por práticas reiteradas reguladas por estruturas de poder, os epigramas de Marcial revelam normas que orientavam a conduta masculina em Roma e puniam simbolicamente sua transgressão. Dessa forma, a sátira pode ser compreendida como um mecanismo de regulação social e cultural, voltado à preservação de hierarquias e padrões de comportamento.

GÊNERO E MEDIEVO NOS GAMES – REPRESENTAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Ian Nunes (PPGH-UFBA)

Resumo: Os jogos eletrônicos possuem na sociedade contemporânea uma grande capacidade de capilaridade e difusão, sendo consumidos por diferentes públicos das mais

variadas faixas etárias. Não à toa, atualmente a indústria dos videogames gera uma receita maior do que a cinematográfica e a musical, expondo seu forte impacto cultural e social. Sendo assim, reflexões se fazem necessárias: como tais mídias representam diferentes expressões/percepções de gênero, e quais temporalidades são (re)apropriadas e (re)estilizadas nessas produções? Dessa forma, é pertinente identificar, discutir e problematizar as possibilidades de utilização/fabricação de diferentes representações de gênero existentes nos jogos digitais, assim como a Idade Média, especificamente, que se torna uma referência temporal potencialmente lucrativa para a indústria dos games que a utiliza na criação de suas narrativas e personagens.

GÊNERO, CORPOREIDADE E AS AUSÊNCIAS DIRECIONADAS: UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA PRELIMINAR SOBRE AS RELAÇÕES EURO-AFRICANAS NO REINO DO NDONGO

Gael Vicente Aurélio Oliveira dos Santos (PIBIC-UFBA)

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo apresentar os resultados parciais do levantamento historiográfico preliminar sobre o reino Ndongo e as questões de gênero durante o século XVI e XVII, especificamente em relação às Ngangas, grupo ao qual apresentam uma diversidade de expressões e identidades de gênero que não correspondem às normas impostas pelos portugueses. Essa disparidade na compressão de gênero gerou não somente uma tentativa de apagamento das dinâmicas sociais neste primeiro contato como também uma historiografia que perpetuou esse apagamento e compreensão enviesada e eurocentrada do que seriam as Ngangas no contexto africano do século XVI e XVII. Portanto, buscamos entender como essas concepções de gênero foram (re)construídas em relação a essas *pessoas* e quais foram as possíveis mudanças ocorridas após o contato com os portugueses.

GÉNERO, POLÍTICA, ENSEÑANZA Y EMANCIPACION

Maria Cecilia Colombani (Universidad de Morón; Universidad Nacional de Mar del Plata)

Resumo: Proponemos pensar las relaciones entre política, género, enseñanza y emancipación en el marco de la formación de profesores. Trataremos de indagar dicha vinculación, pensando el espacio de dicha formación como un territorio político, capaz de provocar transformaciones en lo real. Esta dimensión política de la formación docente es una pieza clave en el dispositivo educativo en aras de un proceso de emancipación en términos genéricos. Proponemos pensar qué objetos atraviesan los saberes y prácticas contemporáneas y por qué la formación docente debe liderar la inquietud por las relaciones disíméticas entre los géneros, articulando procesos de emancipación de los sujetos. Nos interesa pensar la problemática de género y las actuales connotaciones antropológico-sociales de la violencia de género como factor determinante de la fragmentación social, ubicados en una geografía tortuosa de alta vulnerabilidad del colectivo femenino. El planteo radica en la necesidad de jerarquizar el problema, convencidos de que sigue siendo la escuela el micro espacio de poder-saber por donde circula la posibilidad de algún intersticio que modifique la actual coyuntura antropológica. Suponemos una cuestión básica para implementar la acción. Es necesario delinear el mapa de saberes que la formación exige y es preciso priorizar la problemática de género como eje transversal de la formación. Un maestro es, de algún modo, un cartógrafo; delinea las rutas y los atajos convenientes por donde circulan los saberes y las prácticas. Dibuja los senderos y las estrategias para recorrer esos saberes y transita el

camino con un proyecto nítido: aunar la teoría y la práctica, quizás al modo en que Michel Foucault pensó la figura del intelectual específico, quien, a diferencia del intelectual general, depositario del saber, trabaja codo a codo con otros actores del campo social con un proyecto emancipador.

GÊNERO, PODER E AUTONOMIA NAS CARTAS DE HILDEGARD DE BINGEN, SÉCULO XII

Lorena Fernanda Silva Vianna (PIBIC-CNPq)

Resumo: Esta comunicação tem o objetivo de apresentar os resultados parciais das análises preliminares sobre as questões de autonomia e poder feminino no medievo, no século XII. Utilizando como base a vida da polímata Hildegard de Bingen, se discutirá algumas cartas escritas por ela. O trabalho visa questionar a visão amplamente difundida da Idade Média como um período de total apagamento, subserviência e silenciamento feminino. Assim, pretende-se desmistificar a ideia de mulheres como sujeitos passivos na História, destacando suas contribuições efetivas, os prestígio e o papel relevante que muitas poderiam ter. Com essa abordagem, busca-se reafirmar a participação feminina no âmbito da (re)constituição historiográfica e como Hildegard teve grande importância nesse cenário.

GÊNERO, RAÇA E ESCRAVIDÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A INTERSECCIONALIDADE NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

Sandi Ísis Santana dos Santos (UFRPE)

Resumo: O presente artigo discute o conceito de interseccionalidade e suas implicações analíticas e políticas para os estudos de gênero e para a historiografia da escravidão no Brasil. Partindo de referenciais teóricos como Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill Collins, bell hooks, Lélia Gonzalez e Carla Akotirene, o texto evidencia como as categorias de gênero, raça, classe e condição jurídica se entrelaçam na conformação das experiências sociais. A pesquisa toma como ponto de partida uma investigação sobre a Freguesia de Santana do Catu, no Recôncavo Baiano, na primeira metade do século XIX, analisando registros paroquiais (batismo, casamento e óbito) em diálogo com a história social da escravidão e com os estudos de gênero e da família. Ao destacar trajetórias como a da família de Luiza e Gaspar, escravizados na região, o artigo mostra como sujeitos negros construíram vínculos afetivos, estratégias de sobrevivência e redes de solidariedade em meio às violências do cativeiro. Essa abordagem permite desconstruir visões homogeneizadoras da historiografia tradicional, reconhecendo a agência de homens e mulheres escravizados. A interseccionalidade, entendida como chave teórico-metodológica, revela que a opressão não se deu de forma linear ou isolada, mas como resultado da sobreposição de estruturas de dominação – racismo, patriarcado e exploração econômica. Mulheres negras, em especial, enfrentaram múltiplas camadas de exclusão, ao mesmo tempo em que elaboraram formas de resistência. Nesse sentido, o artigo reafirma a importância de uma leitura crítica que recuse o sujeito universal do feminismo, valorizando as múltiplas experiências históricas e sociais. Conclui-se que a aplicação da interseccionalidade à historiografia da escravidão contribui para a construção de uma narrativa mais plural, sensível às diferenças intragrupo e comprometida com a justiça social, permitindo repensar os vínculos familiares, a maternidade e as estratégias de resistência dos sujeitos negros em cativeiro.

MADRASTA MÁ OU MATRONA IDEAL?: A ATUAÇÃO PÚBLICA DE LÍVIA DRUSILA (59/58 A.C.–29 D.C.) A PARTIR DE UMA ANÁLISE COMPARADA ENTRE OS ANAIS DE TÁCITO E A DOCUMENTAÇÃO NUMISMÁTICA

Giovana Ribeiro Pinto (Unimontes)

Resumo: Este trabalho busca analisar a atuação pública da imperatriz romana Lívia Drusila durante os principados de Otávio Augusto e Tibério, a partir da obra *Anais*, de Tácito, e a documentação numismática cunhada durante a dinastia Júlio-Cláudia. Considerada uma das figuras femininas mais influentes de sua época, sua atuação pode ser observada em diferentes gêneros documentais, nos quais sua imagem assume diferentes versões. Nesse sentido, nosso objetivo consiste em compreender sua figura e influência política a partir de suas distintas representações, superando visões limitadas que reduzem as mulheres à passividade em contextos antigos. Em Tácito, Lívia é retratada como uma madrasta má, uma mulher com ambição exacerbada. Nas moedas, é apresentada como uma matrona ideal, atrelada a boas virtudes e associada a divindades. Entendemos que tais representações possuem intencionalidades distintas: enquanto Tácito a utiliza como recurso retórico para criticar o império e os governantes ligados a ela, as moedas, objetos também usados como instrumentos de propaganda imperial, enaltecem sua figura, trazendo uma imagem de governo próspero e a utilizando para exaltar boas qualidades dos governantes. Desse modo, buscamos investigar como essas diferentes representações atestam a existência de uma carreira pública desempenhada por Lívia.

MASCULINIDADES NEOCAROLÍNGIAS: A CONSTRUÇÃO DO OUTRO E A VIRILIDADE MORAL-CRISTÃ COMO RETÓRICA DE SUPERIORIDADE.

Alan Rebouças Pereira (PPGH-UFBA)

Resumo: As masculinidades não são fixas ou universais, mas construções sócio-históricas, que devem ser compreendidas de forma relacional e contextual com outras configurações de gênero. Elas estão em constante processo de negociação e conflito, sendo atravessadas pelas relações de poder. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar os discursos construídos em torno do imperador Carlos Magno e seus cavaleiros, conforme representados no texto hagiográfico *Liber Sancti Jacobi* e de que maneira esses discursos se articulam com as noções masculino e masculinidades presentes na fonte. Além disso, visa discutir de que forma tais discursos foram mobilizados como estratégia político-ideológica visando exaltar as virtudes, os valores dos povos cristãos do medievo hispânico, ao mesmo tempo em que promove a desqualificação dos grupos considerados pagãos, como os sarracenos.

MATERNIDADE E DITADURA MILITAR: UMA ANÁLISE DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO DIRECIONADA AO CORPO MATERNO

Camila Sena Costa (FDUFBA)
Maria Eduarda Short (FDUFBA)
Rafaela Barbosa Carneiro (FDUFBA)

Resumo: A apresentação irá abordar uma linha de pesquisa discutida dentro de um grupo de estudos e de pesquisa da faculdade de Direito sobre memória e ditadura militar, fazendo uma análise de como o gênero e a maternidade foram utilizados como uma violência própria infligida a esses corpos. Discutindo diversos estágios da maternidade, com base na história de três diferentes mulheres, unidas pelo desafio do maternar no

regime militar e suas realidades frente às prisões ilegais e torturas comuns à ditadura militar, foi possível realizar uma análise das questões de gênero pertinentes ao contexto feminino dessa luta. Assim, a pesquisa realizada se propõe a investigar a partir da memória e de documentos trajetórias femininas, como a de Esmervaldina Cunha, Maria Amélia Teles e Izabel Fávero, a transgressão dessas ao padrão feminino da época e as graves violações de direitos humanos direcionadas a elas. Como sujeitos sociais que resistiram ao terrorismo de estado em uma sociedade profundamente patriarcal em que apenas não cumprir papéis definidos pela sociedade já era uma declaração a segurança nacional e aos bons costumes e morais da época.

MEDIEVALISMOS, PERFORMATIVIDADE, ARTE E CULTURA POP: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE EM SALA DE AULA DO VÍDEO *DARK BALLET* DE MADONNA (2019)

Rosiane Graça Rigas Martins (PEM-UERJ-UFRJ)

Rodrigo de Carvalho Conceição (PPGEH-UERJ/PEM-UFRJ)

Resumo: Nosso trabalho propõe apresentarmos algumas possibilidades de estudos em sala de aula à luz do termo Medievalismo, isto é, a recriação de elementos da Idade Média em períodos posteriores, expressa na arte, literatura, arquitetura, música, filosofia e cultura popular, para além dos usos políticos do medievo que frequentemente ocorrem, a partir da análise do videoclipe “Dark Ballet”, baseado na canção de mesmo nome lançado pela cantora e compositora Madonna no ano de 2019. Interessa-nos, nesta pesquisa, percebermos, a partir de uma linguagem audiovisual produzida no século XXI, traços de medievalismos em um produto voltado para a promoção comercial de um álbum musical de uma cantora inserida no que convencionamos chamar música pop. Nossos objetivos é analisarmos a fonte e levarmos os alunos ao diálogo, à reflexão e à percepção sobre como, desde que a Pop Art surgiu na Arte Contemporânea na segunda metade do Século XX, a Idade Média recorrentemente aparece nesse tipo de linguagem sendo por sua vez consumida, em escala mundial, pela cultura pop. Em nossa análise, adotaremos o termo no plural, medievalismos, para enfatizar a diversidade do recorte cronológico e dos objetos de estudo – seus formatos, mídias, suportes, linguagens –, bem como o conceito de performatividade de gênero, da autora Judith Butler, que, consideramos trazer, em si, um potencial subversivo, uma vez que, ao demonstrar que o gênero é construído, a performatividade abre a possibilidade de subverter e desnaturalizar as normas de gênero, através da paródia e de atos que questionam a heteronormatividade.

MOTIVOS PARA ARRANJAR BRIGA COM UMA DEUSA: ANÁLISE DAS VÁRIAS RAZÕES PELAS QUAIS MORRÍGAN QUER DESTRUIR O CÚ CHULAINN NO TÁIN BÓ CUAILNGE

Beabriz Galrão Abrantes (PPGH-UFBA)

Resumo: *Táin Bó Cuailnge* é um épico medieval que foi registrado por volta dos séculos IX e XIV. Pesquisadores como Rudolf Thurneysen e Kenneth H. Jackson acreditam que o *Táin* era narrado oralmente, e, teria sido escrito pela primeira vez no século IX, e depois copiado várias vezes. Outros estudiosos como Brent Milles, discordam dessa teoria, propondo que o épico já foi criado como uma narrativa escrita inspirada nos clássicos que adentraram a Irlanda com a Cristianização. O seu contato com a maioria do público era através da voz e havia uma interação contínua entre a narratividade oral e a literatura escrita. Portanto, quando o *Táin* era performado nos salões reais entre os séculos VII e XI, ocorreram situações de esquecimentos, reelaborações, adaptações – vinculadas ao

público e ao leitor-, criações e resgates de memória. Os manuscritos *Leabhar na hUidre* (LU), foi produzido em 1100 e 1102 e junto ao manuscrito do século XV, *Yellow Book of Lecan* (YBL) compõe a Recensão I da narrativa; e a Recensão II, que faz parte da antologia *The Book of Leinster* (LL), a obra provavelmente escrita entre 1150 e 1170 pelo abade de Terryglass. As duas versões têm muitas semelhanças e diferenças que quando analisadas a partir da metodologia comparativa podem revelar detalhes sobre as mudanças culturais. O objetivo desta apresentação é analisar as permanências e modificações nos episódios e na relação entre a deusa Morrígan e o herói Cú Chulainn no épico e nas narrativas completares, à luz dos Estudos de Gênero.

“MUITAS VEZES INFELIZMENTE TEMOS MEDO DE SER QUEM SOMOS”: PROPOSIÇÕES ALTERCIENTÍFICAS PARA UMA EDUCAÇÃO EM DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO CRÍTICA, SUBVERSIVA E LIBERTADORA

Kelvyn Henrique Pereira (Secretaria da Educação do Estado de São Paulo)

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a reprodução de estereótipos de gênero e sexualidade no ambiente escolar brasileiro, articulando fundamentos da psicanálise freudiana, da pedagogia freireana e de teorias decoloniais e queer. A partir de pesquisa qualitativa composta por entrevista com educador da rede estadual paulista, levantamento com 99 estudantes e análise documental, identifica-se que a escola, longe de ser neutra, atua como aparelho de legitimação de desigualdades, sustentando arquétipos binários e normas cisgender-normativas. Os dados revelam que a ausência de representações positivas de corpos LGBTQIAP+, negros, indígenas e femininos nos materiais didáticos, bem como a escassez de formações docentes sobre gênero e sexualidade, perpetuam um “Superego coletivo” que reforça o mal-estar civilizacional e marginaliza identidades dissidentes. Ancorado nos princípios da Alterciência, o estudo propõe três eixos de intervenção: descolonização curricular, formação radical de professores e protagonismo estudantil, visando transformar a escola em espaço de justiça epistêmica e emancipação. Ao incorporar epistemologias subalternizadas, mitos indígenas de gênero fluido e práticas pedagógicas dialógicas, busca-se subverter a lógica binária e promover uma ecologia de saberes capaz de romper com a violência simbólica histórica. Assim, defende-se que a educação, entendida como ato político, deve assumir o compromisso de reconhecer, validar e potencializar a diversidade como fundamento ético e epistemológico para a construção de um ensino verdadeiramente libertador.

MULHERES E EDUCAÇÃO: EDUCAÇÃO ATENIENSE CLÁSSICA SOB O OLHAR DAS QUESTÕES DE GÊNERO

Dielson Costa (Estudos Clássicos pela Universidade de Coimbra)

Resumo: A comunicação "Mulheres e Educação: Educação Ateniense Clássica sob o olhar das questões de Gênero" justifica sua relevância ao preencher uma lacuna na historiografia que frequentemente negligencia o papel feminino na esfera educativa da Antiguidade Clássica. A maioria dos estudos sobre a educação ateniense concentra-se no paideia (formação) dos homens, perpetuando a visão androcêntrica das fontes. Esta proposta busca questionar essa narrativa hegemônica, examinando as dinâmicas de poder e as restrições sociais que moldavam a educação das mulheres atenienses. O trabalho irá analisar o acesso das mulheres à instrução formal e informal, considerando como as expectativas sociais sobre o papel feminino — como esposas e mães dedicadas à esfera doméstica — influenciavam o conhecimento transmitido. Ao aplicar a teoria de gênero

como ferramenta analítica, a pesquisa irá além de uma mera descrição do que se sabe sobre a educação feminina, buscando desvendar as hierarquias e as resistências presentes. A comunicação tem como objetivo enriquecer o debate historiográfico, oferecendo uma nova perspectiva sobre a educação na Grécia Antiga e demonstrando como as questões de gênero são essenciais para uma compreensão completa da sociedade ateniense.

NEGÓCIOS DE AFRICANAS: ESCRAVIDÃO E TRABALHO DAS PRETAS FORRAS EM SALVADOR

Alanna Perônio (UNICAMP)

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo apresentar as trajetórias de mulheres afro-ocidentais traficadas para Bahia na segunda metade do século XVIII que foram submetidas a escravização urbana na cidade de Salvador. Ao conquistarem a liberdade estas mulheres permaneceram na cidade adquirindo o sustento a partir do trabalho de ganho e múltiplos investimentos oportunizados pelo peso do comércio na economia colonial. A noção de “africanas de negócio” foi elaborada na dissertação ao observar que assim como os chamados “homens de negócios” envolvidos simultaneamente em diversas atividades comerciais, as africanas libertas também estavam inseridas nessa lógica e acumularem bens. Trata-se, em ambos os campos, de personagens que bem poderiam ser enquadrados como “empreendedores”, isto é, cujos atributos de “indústria”, prudência e vigor eram essenciais nas transações comerciais. Em geral, tal termo é aplicado fundamentalmente para os homens de negócio ou, quando muito, para algumas mulheres da elite social. Longe de querer projetar nas pretas forras uma mera reprodução do sistema escravista e dos comportamentos masculinos – o que iria contra todo o debate de gênero produzido até aqui – minha investigação consiste na análise das estratégias dessas mulheres para fazer bons negócios e, nesse sentido, sobre o seu empreendedorismo comercial.

“O SILENCIO QUE GRITA”: A NARRATIVA JORNALÍSTICA SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTOJUVENIL NO BRASIL (1972-1989)

Beatriz Santos Sodré (UEFS)

Resumo: A violência sexual contra crianças e adolescentes é um complexo que transcende a dimensão pessoal e deve ser compreendido como um artefato de estudo histórico. Ao longo do tempo, essa prática foi moldada por diferentes contextos culturais, sociais e legais, refletindo relações de poder e normatizações sociais específicas de cada período. Esse tipo de violência não é um fenômeno novo, mas suas formas de manifestação, os discursos em torno dela e as respostas institucionais e sociais variaram ao longo das épocas, refletindo as estruturas de poder e percepções sociais vigentes. Este estudo, dedica-se a investigar as representações das violências sexuais perpetradas contra crianças e adolescentes no Brasil, no recorte temporal de 1972 a 1989. Para tal, lançou-se mão do acervo da grande imprensa, especificamente dos jornais O Estado de S. Paulo e O Globo. O trabalho objetivou realizar uma análise semiótica das narrativas construídas em torno desses crimes, aspirando decifrar de que maneira tais registros não apenas expressam, mas também reforçam, os alicerces patriarcais entrelaçados a constructos de gênero, sexualidade e às profundas assimetrias de classe que marcam a sociedade brasileira. Metodologicamente, a investigação, de natureza qualitativa, foi conduzida a partir das reportagens disponibilizadas pelos referidos periódicos. Deste modo, esta pesquisa buscou ampliar sua discussão sob uma lente histórica, com o intuito de desnudar

O CORPO E O FEMININO: GÊNERO E MEDICINA EM UMA PERSPECTIVA BIOPOLÍTICA DA MEDICINA ROMANA

Hiandra Munique de Souza Costa (PPGH-UFBA- FAPESB)

Resumo: Este trabalho analisa como discursos médicos romanos, produzidos entre os séculos I a.C. e IV E.C., construíram representações sobre os corpos femininos, associando performances de gênero à ideia de doença. A partir da leitura de compêndios médicos e de história natural, articulados com referenciais dos estudos de gênero e da teoria queer, busca-se compreender de que modo a medicina antiga operava como um dispositivo de controle, definindo fronteiras entre normalidade e desvio.

O recorte evidencia que a retórica médica não se limitava à descrição de sintomas, mas contribuía para reforçar concepções sociais que vinculavam a saúde das mulheres à moralidade e à sexualidade. Ao problematizar essas narrativas, a proposta destaca a dimensão política da medicina no mundo romano e suas implicações na produção de categorias normativas sobre o corpo feminino, apontando também para diálogos possíveis com debates contemporâneos sobre gênero e saúde.

O DEUS SOL E SUA RAINHA: A PARTICIPAÇÃO DE NEFERTITI NA REFORMA RELIGIOSA AMARNAIANA (1353-1335 A.C.)

Bruna Rafaela de Lima (Grupo de Pesquisa ANKH - UFPB)

Resumo: A sociedade do Egito Antigo tem como característica predominante sua religiosidade complexa, cujas particularidades influenciaram nos mais diversos aspectos do cotidiano. Como uma das mais conhecidas e importantes civilizações da antiguidade, seu panteão de deuses e deusas, adorados em todo o território, demonstravam a diversidade de seres aos quais os egípcios se reportavam, para justificar o mundo à sua volta e buscar auxílio e proteção. No entanto, por um curto período de sua história, entre 1353-1335 a.C, o Egito viveu uma ruptura onde, Aton, o deus representado pelo círculo solar, foi a divindade soberana. Durante o reinado de Amenhotep IV institui-se o monoteísmo e o faraó muda seu nome para Akhenaton, em referência ao deus a quem era devotado. Essa variação no padrão gerou questionamentos aos pesquisadores sobre a motivação do faraó para tomar tal atitude, com implicações visíveis tanto durante quanto após o fim do seu governo. Akhenaton tinha como esposa a rainha Nefertiti e há muitas lacunas na historiografia a respeito de sua participação na reforma religiosa desse período. Neste trabalho pretendemos problematizar a importância da esposa do faraó nesse momento e seus papéis políticos e simbólicos na instauração do culto de Aton. Levando em consideração a condição das mulheres egípcias numa sociedade onde elas gozavam de direitos semelhantes aos dos homens, refletiremos a respeito da dualidade presente nas representações divinas, onde masculino e feminino ocupavam papéis diferentes mas complementares. Para isso, utilizaremos como apoio os autores DAVID (2011), JACQ (1978) e PERROT (1992), entre outros.

O JORNAL A ORDEM E O OLHAR SOBRE AS CRIANÇAS EM CACHOEIRA: CANELAS SUJAS, MOLEQUES E VADIOS: A INFÂNCIA DESASSISTIDA EM CACHOEIRA-BA (1880-1940)

Eliane Caetano Soares dos Santos (UNEB)

Resumo: O presente trabalho é resultado de pesquisas preliminares para a dissertação de Mestrado sobre os *Peraltas* em Cachoeira-BA, no período de 1880 a 1940. Esse recorte temporal toma como referência o Pós-Abolição e as novas demandas sociais, contexto em que crianças e jovens também foram impactados pela abolição desassistida e excludente, além do advento da República no Brasil, marcada pelos anseios de progresso e modernização, incompatíveis com os costumes considerados “incivilizados” das camadas populares. O período em análise se estende ainda até o governo Vargas e o Estado Novo, quando foram instituídos o ensino primário gratuito e a pedagogia do trabalho. Diante de uma infância desassistida e em desacordo com os novos valores republicanos, e considerando o número expressivo de crianças abandonadas e/ou órfãs, a imprensa cachoeirana — em especial o jornal *A Ordem*, veículo de tendência conservadora que circulou na cidade entre 1880 até meados do século XX, de propriedade de José Ramiro das chagas, desempenhou papel central como instrumento de denúncia e combate à presença de menores nas ruas. Essas crianças, muitas vezes chamadas de “menores vadios” ou “canelas-sujas”, eram vistas pelo jornal como uma mazela social, motivo pelo qual cobrava das autoridades municipais providências para solucionar um “problema” que, segundo a publicação, gerava desordem e distúrbios à sociedade cachoeirana.

O MITO DE BAAL E ANAT COMO REFLEXO DE UM MODELO DE FAMÍLIA FEMININA INDEPENDENTE NA SOCIEDADE UGARÍTICA

Angela Natel (Universidade Católica do Paraná)

Resumo: O mito de Baal e Anat traz uma configuração completamente ignorada por muitos pesquisadores a respeito do modelo familiar feminino independente em torno das Deusas Athirat e Anat, representando uma característica social importante na antiguidade, especialmente entre os povos do Levante. Quando Baal reclama que não tem bêtu, Anat assume seu caso. Um Deus masculino governante sem bêtu implora à Deusa feminina mais poderosa que o defenda diante de El. Anat e Baal vão buscar a ajuda da Deusa sênior Athirat, que também vive em seu próprio bêtu à beira-mar. Athirat desempenha um papel decisivo no desfecho do mito. O casal divino sênior, Athirat e El não vivem na mesma casa ou mesmo no mesmo lugar. O Deus masculino mais jovem, Baal, teve que recorrer à ajuda de ambas as Deusas, Anat e Athirat, a fim de obter permissão para construir seu próprio bêtu. El, o Deus patriarca, parece ter o respeito de seus familiares, mas também nenhum bêtu próprio. Anat, a Deusa guerreira, elevou Baal ao trono e lhe deu um bêtu. Abrigado em seu novo bêtu, no entanto, Baal ofende o Deus Môt, que o leva para a morte. Anat, no entanto, não aceita o destino e exige: “Você, Môt, entregue meu irmão!” Assim, Anat aparece neste mito como a guerreira eficaz e o personagem que sozinho tem o poder de estabelecer lares divinos e mudar o destino dos Deuses. Os papéis dos Deuses nesta história parecem invertidos em relação ao que se poderia esperar em uma sociedade patriarcal estática. Como fonte primária, os mitos ugaríticos indicam que o autor tinha em mente pelo menos uma concepção mitológica, e talvez até mesmo um modelo, de uma família feminina independente. Evidências de outras fontes ugaríticas e cananeias indicam que essas sociedades reconheciam famílias reais e negócios femininos independentes.

O(S) FEMININO(S) NO DISCURSO DEMONOLÓGICO DO FRADE MARTÍN DE CASTAÑEGA (1529)

Lucas Vieira de Melo Santos (PPGH-UFBA)

Resumo: Nascido possivelmente entre 1485 e 1490, Martín de Castañega era teólogo e filósofo, fraude da Ordem de São Francisco da Província de Burgos, depois na diocese de Calahorra y La Calzada e em Logroño, onde se tornou predridor a serviço do Tribunal do Santo Ofício e escreveu o “*Tratado muy sotil y bien fundado de las supersticiones y hechicerías y vanos conjuros y abusones: y otras cosas al caso tocantes y de la posibilidad y remedio dellas*”, publicado originalmente em 1529. Sendo o mais antigo tratado antisupersticioso e demonológico escrito em espanhol, a obra foi encomendada pelo bispo D. Alonso de Castilla e possui um caráter teológico-filosófico-pedagógico no sentido em que seu objetivo era “iluminar os nossos súditos e orientá-los no verdadeiro caminho da Fé Católica, separando-os dos erros que nascem em parte por ignorância e em parte pela astúcia e malícia do demônio”. Partindo dos pressupostos dos Estudos de Gênero, da História Cultural e da Análise do Discurso, esta comunicação tem o objetivo de analisar os discursos sobre o(s) feminino(s) produzidos pelo fraude franciscano Martín de Castañega a partir da sua obra demonológica, identificando de que maneira as diretrizes de gênero atravessam os discursos do fraude na sua interpretação sobre as superstições e feitiçarias e nas estratégias (ou remédios, para usar o seu vocabulário) de combate a esses crimes-delitos-pecados.

ORGANIZAÇÃO DE GRUPOS SOCIAIS PARA ALÉM DO SISTEMA SEXO-GÊNERO: LAS MUXES EM OAXACA (MÉXICO)

Regina Albuquerque (UFMG)

Resumo: O trabalho insere-se no campo de estudos de gênero, partindo da concepção de sistema sexo-gênero (RUBIN, 2003 [1975]) para pensar formas de organização social que não se restrijam ao binarismo (BUTLER, 1990), como o caso de las muxes, na cidade de Juchitá, no Istmo de Tehuantepec, em Oaxaca (México). A metodologia caracteriza-se como revisão de literatura, incluindo as bases CAPES e google scholar. Assim, o trabalho divide-se em dois momentos: 1- Breve histórico do campo de estudos de gênero; 2- Revisão de literatura: o caso de las muxes em Oaxaca (México). Os resultados da análise apontam para o entendimento do gênero como uma estrutura de organização social que propicia um determinado tipo de opressão. O processo de colonização dos povos produziu a imposição ocidental-européia do binarismo de gênero como única maneira possível de representação, silenciando as formas de organização social de povos originários nos quais o sistema sexo-gênero estrutura-se de outra maneira.

Palavras chave: estudos de gênero; binarismo; gênero; terceiro gênero; muxes.

“PORQUE DEUS QUER E O POVO DA FEIRA É BOM”: MULHERES RELIGIOSAS E O TRABALHO SOCIAL NO DISPENSÁRIO SANTANA, FEIRA DE SANTANA (1978-2002)

Karine Carvalho da Cruz (UFBA-CPR/UEFS-RAMAL/UFBA, CAPES)

Resumo: O presente estudo analisa a atuação da Congregação das Irmãs do Santíssimo Sacramento — Irmãs Sacramentinas — em Feira de Santana, com ênfase na liderança de Irmã Rosa Aparecida, coordenadora do Dispensário Santana entre 1978 e 2002. Sua chegada às obras sociais marcou um ponto de inflexão, fortalecendo uma pastoral voltada

ao cuidado integral da comunidade e incorporando novas perspectivas teológicas e sociais da Igreja Católica no período pós-conciliar. A pesquisa investiga como a ação de Irmã Rosa e das demais religiosas foi decisiva para consolidar redes de solidariedade que mobilizaram mulheres leigas e garantiram melhores condições de saúde e educação para a população local. Amparada em entrevistas e documentos sob a metodologia da História Oral, a análise evidencia que o Dispensário Santana se constituiu como espaço privilegiado da ação feminina dentro da Igreja, revelando tensões entre os votos de obediência e o protagonismo feminino. Nesse sentido, a atuação das Irmãs Sacramentinas dialoga com reflexões da Teologia Feminista, que problematiza o lugar subalternizado das mulheres na estrutura eclesial ao mesmo tempo em que reconhece nelas agentes centrais na prática pastoral e na transformação social, demonstrando que a experiência das religiosas, e de Irmã Rosa em particular, revela a centralidade feminina no campo assistencial e sua contribuição para a renovação da presença católica e para a ampliação das possibilidades de atuação das mulheres na Igreja e na sociedade feirense.

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA MEDIEVAL NA ATUALIDADE: ENTRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A EFETIVAÇÃO NO CHÃO DA SALA

Luciano José Vianna (UPE/campus Petrolina)

Resumo: Em um contexto atual de formação de professores, ainda muitas questões são levantadas em termos de aproximação entre a escola e a universidade, aspecto que ainda suscita muitas discussões. Sobre este aspecto e relacionando ao tema desta comunicação, nossa intenção é problematizar algumas possibilidades de temas a serem abordados no contexto do ensino de História Medieval e consequentemente da formação de professores especificamente em componentes curriculares que envolvam esta temporalidade. Desse modo, apontamos e problematizamos brevemente os temas que têm sido mais debatidos e discutidos em relação ao ensino deste período histórico no contexto escolar, assim como suas possibilidades e limitações, tanto na formação docente em História quanto para a sua efetivação no chão da sala.

SANTO AGOSTINHO E OS PELAGIANOS: A SISTEMATIZAÇÃO DA DOUTRINA DO PECADO ORIGINAL NO OCIDENTE

Marcelo Augusto Cunha de França (UECE)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a doutrina do pecado original na obra de Santo Agostinho (350-430), filósofo cristão da Antiguidade Tardia. Pode-se afirmar que Agostinho é o principal filósofo e teólogo do cristianismo no Ocidente, sendo até mesmo mais influente que Tomás de Aquino. Em seu embate contra os pelagianos, Agostinho discute o papel da graça na vida do homem. Segundo os seguidores de Pelágio, o homem era completamente capaz de cumprir os mandamentos divinos e viver uma vida sem falhas. Agostinho, pretendendo refutar essa visão, destacou o papel do pecado original. Segundo o filósofo cristão, o homem era um ser caído moralmente por causa do pecado de Adão. Em síntese, de acordo com o pensamento agostiniano, mesmo sendo alcançado pela graça, o homem não pode atingir a santidade e, por conseguinte, a perfeição ainda nesta vida, pois carrega os resquícios do velho homem, que só serão completamente superados no paraíso. Dessa maneira, Santo Agostinho sistematiza a doutrina do pecado original, que é a doutrina da herança pecaminosa de Adão para toda a humanidade. A presente apresentação analisará o papel dessa doutrina para a teologia cristã na Idade Média e, acima de tudo, como essa explicação filosófica de Agostinho

influenciou o imaginário ocidental. Colocando-se, assim, o papel da vontade corrompida como principal causa para o mau uso do livre-arbítrio. Por fim, a comunicação apresentará possíveis alternativas à proposta agostiniana, demonstrando que, mesmo na história da teologia e filosofia cristã, as ideias agostinianas não foram completamente recepcionadas.

“SOUBE POR SER VOZ GERAL”: A VONTADE DE SABER E AS REDES DE CONHECIMENTOS NOS PROCESSOS DE INFANTICÍDIO NOS SERTÕES BAIANOS (1890-1950)

Miléia Santos Almeida (Unb, UESC)

Resumo: O processo criminal de infanticídio nas primeiras décadas republicanas perfazia um lugar em que gênero e territorialidade se interseccionavam. Tal fonte documental costumeiramente apontava para a criminalização de mulheres sertanejas na Bahia e, ao longo do seu desenvolvimento, mobilizava discursos moralizantes e higienistas sobre os corpos, o comportamento e a reprodução feminina. Pelos sertões baianos, as peculiaridades do infanticídio e das pessoas envolvidas no delito podiam gerar curiosidades e estranhezas que levavam a um inquérito policial demorado e persecutório, enquanto outros casos não recebiam tamanha atenção e se encerravam com brevidade. A “vontade de saber” das autoridades policiais poderia ser mobilizada de acordo com as características dos/as envolvidos/as, as motivações, os meios empregados, o contexto do crime e qualquer outro fator que desafiasse a manutenção do ordenamento daquela sociedade, o que incluía o curandeirismo e as redes de conhecimentos de cura e controle reprodutivo que circulavam entre as classes populares. Concepções médicas e jurídicas hegemonizavam a narrativa criminal, mas o argumento do *auditus alienum*, compreendido como o “ouvi dizer”, inseriam a participação de vizinhos, parentes e outras testemunhas que integravam as redes de sociabilidade local e se transformava em fonte considerada minimamente confiável para a averiguação criminal. No centro daquela rede estavam as mulheres que, diante de limitadas opções de intervenção na estrutura social, detinham o poder (ou contrapoder) de ocultar ou revelar um segredo de outras mulheres. Ao interseccionalizar as categorias de gênero, raça, classe e território, é possível produzir assim uma análise sobre as narrativas produzidas por esses processos criminais e as experiências históricas das mulheres sertanejas que protagonizaram suas tramas ainda que silenciadas ou marginalizadas pelas hierarquias de poder que atravessam essas documentações.

TÉTIS E AS ESTRUTURAS ELEMENTARES DE VIOLÊNCIA

Denise Cardoso (UFMG)

Resumo: Esta proposta parte da inspiração metodológica de Judith Butler em *A reivindicação de Antígona*, obra em que a autora lê a heroína sofociana como figurativo para pensar o parentesco e o Estado. De modo análogo, proponho uma análise de Tétis como personagem que permite refletir sobre o que Rita Segato definiu como uma das estruturas elementares de violência. Na tradição literária, o casamento de Tétis e Peleu é narrado sobretudo como união solene por seus convidados. No canto 18 da *Iliada*, porém, a deusa já associa essa união ao luto de gerar um filho mortal. Em *Ifigênia em Áulis*, de Eurípides, o coro recorda as núpcias como uma bela procissão, enfatizando a dimensão festiva. Nessas fontes, não há espaço para a resistência de Tétis. Em contraste, a iconografia ática dos séculos VI–V a.C. insiste na recusa: Tétis em fuga, metamorfoseando-se, resistindo à captura de Peleu. A discrepância entre literatura e cerâmica sugere que a ausência literária carrega, em si, significado. Para investigar essa

ausência, recorro a diferentes chaves teóricas: o paradigma indiciário de Ginzburg, a fabulação crítica de Hartmann e a análise do sintoma em Didi-Huberman, entendidos como lentes para captar o que certas fontes ocultam de modo deliberado. Nesse contexto, a recusa de Tétis pode ser lida como recusa a gerar um filho mortal — e destinado ao mundo masculino da política e da guerra, separado do universo familiar. A análise converge, assim, com Segato: a imposição do enlace configura-se como estrutura elementar de violência que naturaliza a submissão feminina e produz uma maternidade atravessada pela violência e pelo luto antecipado. Tal como Butler lê Antígona para pensar o surgimento do parentesco, proponho ler Tétis como exemplo para pensar o estabelecimento do tráfico de mulheres e, com ele, o modelo de uma maternidade submissa.

A TRAGÉDIA GREGA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Darcylene Pereira Domingues (PPGH-UFPEL)

Resumo: Este trabalho pretende refletir sobre a relação entre História e Gênero, usando a tragédia grega como objeto de análise. Assim, nosso interesse é explorar o gênero teatral que foi característico do crescimento cultural de Atenas no século V AEC, focando em obras que possam auxiliar a compreender essas relações de gênero. Neste sentido, acreditamos que a tragédia ateniense reproduz um tipo de sociedade androcêntrica e por isso educava e representava esses limites sociais e políticos no teatro de Dioniso. A análise se concentra em dois pontos: os discursos das personagens principais, como por exemplo Medeia, Andrômaca e Hécuba e o Coro feminino muito presente nas obras de Eurípides. Acreditamos que o texto teatral, adaptado, pode ser utilizado como uma fonte de aprendizado no ambiente escolar pois devemos retirando as mulheres do "silêncio profundo" em que foram historicamente colocadas retirar as mulheres, principalmente na Antiguidade. Ao usar a tragédia, a proposta é que o professor atue como mediador para que os alunos possam questionar e reconhecer os processos históricos que levaram à exclusão de certos sujeitos. A tragédia com suas personagens que rompem com os limites impostos, serve como uma fonte rica para esse debate, auxiliando o Ensino de História a se democratizar e a refletir sobre as relações de poder e as identidades de gênero, historicamente construídas. Logo, utilizamos autores como Jean-Pierre Vernant e Pierre Vidal-Naquet para a interpretação das tragédias, juntamente com o conceito de gênero de Joan Scott. Pois acreditamos que a tragédia educava por meio da representação dessas relações de poder exercidas entre o masculino e o feminino.

Palavras-chave: Ensino de História; Gênero; Feminino.

O LIVRO DE AÇO: UM JOGO DE CARTAS REPRESENTATIVO SOBRE AS HEROÍNAS DO BRASIL PARA VERSAR SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO E A HISTÓRIA DAS MULHERES

Lillian S.M. Rodrigues (UNESP)

Resumo: Esta proposta de comunicação oral apresenta um capítulo de uma dissertação de mestrado que investiga a trajetória das heroínas brasileiras inscritas no *Livro de Aço do Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves*, em Brasília. O estudo analisa, entre outros, criticamente o processo de seleção e consagração dessas figuras, questionando os critérios políticos, ideológicos e historiográficos que orientam suas indicações. Conforme destaca Niemeyer (1986), o Panteão foi concebido como um monumento integrado à Praça dos Três Poderes, simbolicamente destinado a celebrar

heróis e heroínas nacionais. No entanto, como observam Feijó (1984) e Dantas (2021), a construção de heróis serve a interesses ideológicos e de poder, reforçando narrativas dominantes e marginalizando vozes dissidentes. Dos 58 nomes registrados no *Livro de Aço*, apenas 11 são mulheres, como Anita Garibaldi, Maria Quitéria, Dandara dos Palmares e Luiza Mahin — muitas delas reconhecidas tardivamente, por meio de leis promulgadas apenas nas últimas décadas. Essa subrepresentação reflete um apagamento histórico de mulheres, sobretudo negras e indígenas, cujas contribuições foram sistematicamente silenciadas. A pesquisa problematiza ainda a falta de participação popular no processo de escolha, conforme alerta Iamashita (2021), e discute como a historiografia contemporânea, influenciada pela Escola dos *Analles*, tem criticado o culto a heróis individuais em detrimento de processos coletivos. Por fim, argumenta-se que a inclusão de heroínas no *Livro de Aço* pode servir como instrumento de ressignificação histórica, desde que articulada a uma reflexão sobre gênero, raça e poder, onde sugere-se na dissertação articular as histórias dessas mulheres nas escolas destacando como os papéis de gênero foram subvertidos em seus feitos nacionalmente reconhecidos. O resgate dessas narrativas pode preencher lacunas na memória nacional e oferecer novas perspectivas para a construção de uma identidade brasileira mais plural através da perspectiva feminina em diferentes momentos históricos.

UNIO MYSTICA E SANTIDADE: ELEMENTOS DA RELIGIOSIDADE FEMININA EM INVESTIGAÇÃO INQUISITORIAL NO IMPÉRIO PORTUGUÊS (XVII-XVIII)

Maria Fernanda Dias Cavalcanti (Universidade Federal de Pernambuco)

Resumo: As experiências místicas compostas por elementos associados à santidade são fenômenos que, entre os séculos XVI e XVIII, estiveram apontados, diversas vezes, em processos inquisitoriais ao lado de traços da *Unio Mystica*. Esta ocorre quando uma mulher, que deseja entregar-se espiritualmente nos braços do Divino, adentra em uma aliança mística em que Cristo é o seu Esposo divino com o qual se une espiritualmente, tornando-se uma Esposa de Cristo. A santidade e o matrimônio espiritual apresentam-se, portanto, como característicos das práticas religiosas femininas na Época Moderna. Com o início da modernidade, a contemplação interior passa a ocupar o centro das devoções católicas, fazendo florescer uma espiritualidade associada à perspectiva do indivíduo como *locus* das experiências maravilhosas do contato e da união com Deus. Neste contexto, o Tribunal do Santo Ofício português molda-se como um dos principais órgãos a partir do qual a Igreja Católica estrutura a observação atenta destas práticas que conduzem o acesso ao divino. Simultaneamente, a busca pela fama de mística e/ou de santa se tornou constante e vista, pelas mulheres, como um ideal de vida após os quinhentos - período em que o terreno da experiência mística se apresentou como horizonte de autonomia e desejo femininos. Neste sentido, estava inclusa, na investigação inquisitorial, a tarefa complexa que envolvia a tentativa de distinguir a experiência mística entre um fenômeno verdadeiro, falso ou fingido, visto que a mulher era visualizada enquanto portadora de um sexo dotado de fraqueza e fragilidades de espírito. Em síntese, o presente trabalho, como recorte oriundo de uma pesquisa voluntária desenvolvida a partir do Programa Institucional de Iniciação Científica, pretende realizar a apresentação dos estudos de casos, fontes e da análise bibliográfica, com o objetivo de expandir a compreensão acerca dos fenômenos místicos femininos na modernidade, incluindo os seus padrões de discurso e simbologias.

USOS DA IMAGEM, USOS DO GÊNERO: UMA ANÁLISE DA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA DE GEORGINA DE ALBUQUERQUE ATRAVÉS DA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Giovanna Trevelin (UFSC)

38

Resumo: A presente proposta de trabalho busca compreender a atuação profissional da artista Georgina de Albuquerque (1885 – 1962), na primeira metade do século XX, a partir da categoria de análise *usos do gênero*. Para isso, busca-se um mapeamento das imagens e críticas de arte a seu respeito que, constantemente, vinculavam a pintora ao seu marido e filhos, frequentemente associando sua distinta e aclamada arte ao exercício correto daquilo que se entende como o papel social da mulher: ótima esposa e valorosa mãe. Há, nesse sentido, um embasamento teórico e metodológico nos trabalhos do pesquisador Luc Capdevila e da pesquisadora Joana Maria Pedro que abordam, respectivamente, os *jogos de gênero* e *usos do gênero* como mediação crítica das relações sociais, capaz de demonstrar uma bem-sucedida atuação das mulheres, em determinados lugares, pelo viés do estereótipo de feminilidade, a exemplo de Georgina: ela é uma boa mãe, logo pode ser boa artista. Busca-se, assim, compreender as estratégias conscientes e inconscientes da pintora através da utilização de sua própria imagem, e como isso pode ter construído sentido social no âmbito da História da Arte.